



**Maria Adriana  
Monteiro Pinto  
Baldaia**

**Livraria Independente // Plataforma crucial na  
publicação alternativa**



**Maria Adriana  
Monteiro Pinto  
Baldaia**

**Livraria Independente // Plataforma crucial na  
publicação alternativa**

Dissertação/projeto apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos Editoriais, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Cristina Matos Carrington da Costa, Professora Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas e coorientação do professor João Manuel Nunes Tavares Nunes, Professor Auxiliar Convidado do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro.



Agradeço à família por me ter permitido todo um percurso académico.  
Agradeço aos meus orientadores, à professora Cristina Carrington pelo apoio e disponibilidade demonstrada e ao professor João Nunes pela frontalidade e pertinência crítica.

Um agradecimento a todos aqueles com quem tive a oportunidade de me cruzar, particularmente aos que diretamente me apoiaram e participaram nas diferentes fases deste projeto/dissertação, em especial à Alexandra Ribeiro, António Carinha, Cristina Vaz, Guillaume, Mafalda Margalho, Maria Graça Carreira, Miguel Azevedo, Nuno Filipe e Sofia Lima.

## **o júri**

Presidente

Prof. Doutor João Manuel Nunes Torrão  
Professor Catedrático do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro

Orientadora

Prof. Doutora Maria Cristina Matos Carrington da Costa  
Professora Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro

Arguente

Prof. Doutor José Pedro Barbosa Gonçalves de Bessa  
Professor Auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro

## **palavras-chave**

Publicação alternativa, circuito comercial paralelo, cultura, edição independente, livreria independente.

## **resumo**

Paralelamente ao atual contexto mainstream do setor da publicação português, prolifera uma comunidade de independentes que materializa e dá forma a novos tipos de cultura, discursos e ideologias. Marginais, por vezes até clandestinas e inexistentes em acervos públicos, estas publicações alternativas à produção massificada de um setor industrializado encontram nas livrerias independentes um espaço físico, disponível e acessível, para chegar ao leitor.

Cada livro tem um leitor, cada leitor tem um tipo de livro e cada livro tem um canal de distribuição específico. A independência exige esta interdependência, e as livrerias independentes assumem-se como o espaço crucial para a visibilidade destas publicações junto do leitor. Hoje, o conceito de livreria está a transformar-se em Portugal, por imposição dos centros comerciais e pelo predomínio das grandes cadeias livresiras que dominam o mercado e definem hegemonicamente a produção.

Alertar para a importância da livreria independente num setor cultural foi a premissa de todo o processo produtivo do Projecto Parale//o. Um projeto de comunicação que sentiu a urgência de despertar consciências e de assegurar a manutenção destes espaços que se situam nas margens das lógicas comerciais, um projeto cultural que se procura colaborativo, participativo e relacional e que se pretende interventivo.

**keywords**

alternative publishing, parallel commercial circuit, culture, independent publishing, independent bookshop

**abstract**

Apart from the current mainstream publishing sector, a Portuguese independent community is rising, one that gives life to new kinds of culture, speeches and ideologies. Aside the law, sometimes even clandestine and not existing in public collections, the alternative to massified production of an industrialized sector finds in independent bookstores a physical space, available and reachable to the reader.

Each book has a reader, each reader has their own book and each book has a specific distribution channel. Independence demands interdependence and independent bookstores have the main role for public visibility. Today, the concept of bookstores is changing in Portugal, due to the popularization of shopping centers and big bookstore chains that dominate the market and hegemonically define production.

Alert to the importance of independent bookstores in the cultural sector was the premise for all the productive process of Projecto Paralelo. A communication project that felt an urge to arouse consciousness and assure that these spaces receive proper maintenance and stay on the range of commercial logics. A cultural project that seeks to be collaborative, active and relational and wants to be incisive.

## Índice

<b>1 Introdução</b>	<b>1</b>
1.1) Pertinência do tema	2
1.2) Problemática e objetivos	4
1.3) Abordagem e estratégia	5
1.4) Metodologia	7
<b>2 Enquadramento teórico</b>	<b>9</b>
2.1) O comércio do livro em Portugal	10
2.1)1 <i>Notas para um enquadramento</i>	10
2.1)2 <i>A importância da livraria independente na oferta alternativa</i>	12
2.2) O fenómeno de encerramento das livrarias independentes	14
2.2)1 <i>Uma problemática corrente e recorrente em Portugal</i>	14
2.2)2 <i>Políticas de proteção e movimentos em prol do comércio livreiro tradicional</i>	15
2.3) Os motivos para o fenómeno de encerramento	19
2.3)1 <i>A desregulação do comércio livreiro em Portugal</i>	19
2.3)2 <i>A convulsão tecnológica</i>	23
2.3)3 <i>Uma visível inadaptação das livrarias independentes – as novas necessidades do mercado</i>	25
2.3)4 <i>Necessidade de reconversão</i>	31
<b>3 Casos de estudo</b>	<b>33</b>
3.1) Movimentos em prol das livrarias independentes no Porto	35
3.1)1 <i>Bairro dos Livros</i>	35
3.1)2 <i>Letras na Avenida</i>	37
3.2) Plataformas digitais	39
3.2)1 <i>Indie Bound</i>	39
3.2)2 <i>Serving Library</i>	41
3.3) Roteiros	45
3.2)1 <i>The London Independent Bookshop Map, 2012</i>	45

3.2)2 Use-It Porto	47
<b>4. Projecto Paralelo</b>	<b>49</b>
4.1) A livraria como ponto de partida	51
4.1)1 O critério de seleção dos espaços	52
4.2) Os métodos de produção	54
4.3) Os métodos de impressão	55
4.4) Diferentes meios – diferentes formas	56
4.5) O Conteúdo	57
4.5)1 O mapa	57
4.5)2 A tipografia	61
4.6) O Roteiro de Edição Independente no Porto	64
4.6)1 A capa e o logótipo	65
4.6)2 A apresentação gráfica dos espaços	66
4.6)3 Formato da folha, dobras e acabamentos	68
4.6)4 Os métodos de (Re)produção	69
4.7) A Residência do Livro Independente no Porto	71
<b>5. Considerações finais e desenvolvimentos futuros</b>	<b>81</b>
<b>6. Dificuldades</b>	<b>83</b>
<b>7. Bibliografia</b>	<b>85</b>





Rua do Benjardim, nº398



LIVRARIA TINTIM POR TINTIM  
Rua da Conceição, nº27-29



LIVRARIA PARAISO DO LIVRO  
Rua José Falcão, nº214

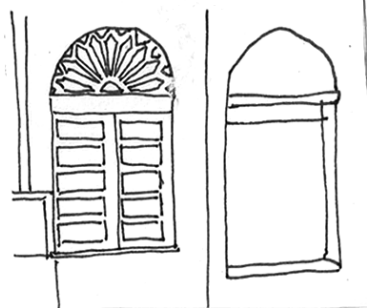


LIVRARIA DA REITORIA DA UP  
Praça Gomes Teixeira  
4099-00



SKO NICOLAU

CLUBE LITERARIO DO PORTO  
Rua Nova da Alfândega, nº22



LIVRARIA PAPA LIVROS  
Rua Miguel Bombarda, 523



IN LIBRIS  
Rua da Torrinha, 40



LIVRARIA LUMINER  
Travessa de Cedofeita, 64 A



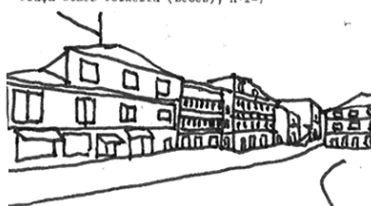
LIVRARIA INDEX  
Centro Comercial Bombarda, nº285



LIVRARIA VIEIRA  
Rua das Oliveiras, nº14



INCM (Imprensa Nacional Casa da Moeda)  
Praça Gomes Teixeira (Leões), nº1-7



LIVRARIA MOREIRA DA COSTA (PIHA)  
Rua de Avis, nº30

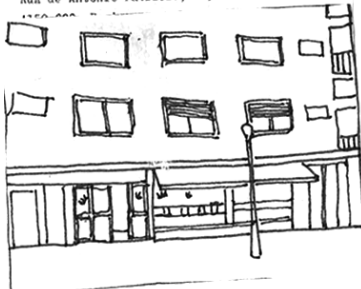


## 1. Introdução



MASSARELOS

LIVRARIA SALTA POISINHAS  
Rua de António Patrício, nº50



LIVRARIA BRITANICA  
Rua José Falcão, nº184



CEDOFEITA

HCNEM DOS LIVROS  
Travessa de São Carlos, 19



LIVRARIA MANUEL FERREIRA  
Rua Doutor Alves da Veiga, nº89

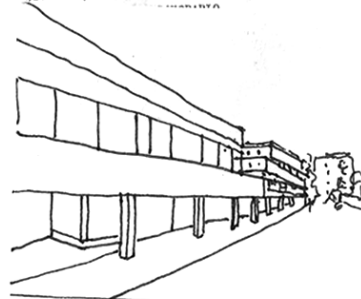


LIVRARIA FERNANDO MACHADO  
Rua das Carmelitas, nº15  
4050-162, Porto



RAMALDE

LIVRARIA ESQUINA  
Rua Afonso Lopes Viana, nº126  
4100-020, Porto



LIVRARIA CANDELAIRO  
Rua de Cedofeita, nº471  
4050-161, Porto



UNICEP  
Praça Carlos Alberto, nº128 A  
4050-159, Porto



VITORIA

ALFARRABISTA JOAO SOARES  
Rua das Flores, nº40





### 1.1) Pertinência do tema

José Afonso Furtado, numa obra exaustiva onde concilia a análise teórica com uma abordagem prática do setor editorial, afirma:

Costuma reconhecer-se que o livro como produto se encontra inserido numa cadeia ou num circuito que integra uma sucessão de atividades, que têm início na elaboração intelectual da obra até à sua disponibilização aos leitores e/ou consumidores. Qualquer análise do setor deve ter em conta não só todos os elementos desta cadeia, como compreender que nela se encontra um elo estruturante, ou seja, não é possível dissociar uma parte do todo. Nessa medida, interessa salientar que qualquer alteração num ponto do circuito tem necessariamente repercussões sobre todos os outros e que, por isso, se trata de um verdadeiro sistema. (Furtado, 2000: 86).

O mesmo autor, relativamente aos conteúdos da publicação de uma editora - que identificamos como cultural - e à sua incompatibilidade com o circuito da grande distribuição, escreve, citando Bouvaist:

Os editores médios, normalmente caracterizados por «uma construção paciente, sistemática, de um verdadeiro catálogo editorial, integrando as obras fundamentais que fazem a história intelectual e cultural da humanidade», têm enfrentado diversas dificuldades: «A lógica da rentabilidade financeira introduzida progressivamente na indústria da edição, a concomitante irrupção de um *marketing* agressivo, a concentração do comércio do livro com o aparecimento de grandes cadeias para quem a alta taxa de rotação das obras é prioridade absoluta, são alguns dos elementos que têm reduzido a sua capacidade de manobra.»<sup>13</sup>. (Furtado, 2000: 103)

As duas afirmações de Furtado serão o ponto de partida para a reflexão que a seguir se propõe.

Hoje, depois de assistirmos a grandes manobras de concentração na distribuição, à criação de conglomerados editoriais e a uma transformação radical em toda a estrutura da indústria da publicação, o próprio conceito de livraria está a mudar, com o predomínio de grandes operadores de distribuição e das cadeias livresas e o lento desaparecimento das livrarias independentes de Portugal, particularmente as não localizadas em grandes superfícies e ruas comerciais.

A lógica industrial que tem vindo a substituir progressivamente a tradicional lógica cultural do setor da publicação, a intensiva concentração da distribuição editorial em poucos operadores de grandes dimensões, que privilegiam as novidades e os best-sellers, tornam irre recuperáveis os títulos de “rotação lenta”, aqueles títulos sem tempo, ou fora de tempo, incompatíveis com um circuito comercial em permanente mudança. Esta lógica de “rentabilidade pela rotatividade” leva-nos a estabelecer a analogia com o tempo de exposição de outros produtos no circuito Grande Distribuição, aquilo que se designou como o “prazo de validade de um iogurte”.

As livrarias independentes assumem-se, entre os diferentes canais de retalho físico do circuito do livro, como as mais capazes de apreciar o potencial valor cultural, artístico, ideológico de um título, título que se torna o «elemento de diferenciação do próprio sistema de oferta» (Furtado, 2000: 101). Enquanto canal de visibilidade disponível e acessível para as pequenas, pequeníssimas e micro-editoras - «a principal fonte de inovação do sistema» (Earp e Kornis, 2005: 15), as livrarias independentes assumem-se então como elementos cruciais para as publicações e editoras sem capacidade de integrar o circuito comercial mediático dos hipermercados ou o altamente competitivo de um setor industrializado.

Ao afirmar que «atualmente é indispensável dar maior importância à livraria», Phillipe Lane defendia a urgência de «considerar o futuro do livro e da leitura a partir da livraria» (Martins, 2005: 242). Ao colocar a questão: «Será agora que o assunto «livrarias» vai a estudo, investigação, perspetivação?»<sup>1</sup>, Manuel Medeiros, o respeitado *Livreiro Velho*, denuncia a passividade de um setor cultural perante o fenómeno, e aponta o burburinho contido e esporádico da imprensa e dos grandes meios de comunicação audiovisual perante, por exemplo, o encerramento da Livraria

---

1. Texto publicado no blogue Chapéu e Bengala [<http://chapeuebengala.blogspot.pt/2012/03/obsessao-das-livrarias-e-difícil-arte.html>]

Portugal, uma livraria de referência com setenta anos de vida que fechou as portas em Lisboa.<sup>2</sup>

ema de importância fulcral para o setor da publicação, com repercussões diretas na exposição física da publicação alternativa ao circuito *mainstream*, o movimento de encerramento de livrarias independentes afigura-se como um assunto premente que obriga à reflexão.

Ao fenómeno de encerramento das livrarias independentes acresce a dúvida em relação ao futuro das publicações que pressupõem um contato direto com o leitor, nomeadamente aqueles títulos que vivem da aura do objeto enquanto matéria palpável e propiciam uma experiência sensitiva e com valor estético.

Este projeto/dissertação defende a importância fulcral da livraria independente para a vitalidade, viabilidade e diversidade do setor cultural da publicação, particularmente enquanto canal de distribuição crucial para o circuito alternativo ao *mainstream*, e procura, ao longo de todas as suas etapas, evidenciar a importância da livraria independente no atual contexto da publicação.

## 1.2) Problemática e objetivos

O encerramento extensivo de livrarias independentes em Portugal, um movimento que acompanha a tendência global do setor, não tem motivado e contrariamente aos outros países onde se observa o fenómeno, a criação de um movimento que procure contrariar o fenómeno e consciencialize o leitor para a importância de apoiar a livraria independente como modo de garantir a diversidade do setor da publicação e, portanto, a sua oferta alternativa. E se, nos outros países, a redução do peso das livrarias independentes tem gerado não apenas campanhas de consciencialização junto do leitor, mas igualmente políticas públicas e ações corporativas, em Portugal não houve ainda nenhum movimento levado a cabo pela Associação Portuguesa de Editores e Livreiros, a associação que devia garantir os

---

2. Saem por esta altura vários artigos na imprensa, nomeadamente um dossiê no Jornal das Letras dedicado a livrarias independentes, em que se apresentam as melhores de Portugal. Num artigo que destaca dez livrarias, uma delas, a Poesia Incompleta de Mário Guerra, entrevistado via skype para este projeto, encerra.

diversos intervenientes do setor e criar mecanismos para conter o declínio do pequeno comércio livreiro.

Por um outro lado, é visível uma inadaptação e incapacidade de muitas livrarias em acompanhar as mutações de uma sociedade contemporânea, cada vez mais povoada por imagem, orais, sonoras, interativas e em rede, e em aproveitar as tecnologias digitais como plataforma de comunicação com o leitor, seguindo uma lógica de proximidade. Há também uma certa resignação, visível na apatia de muitas livrarias em reestruturar e dinamizar o seu espaço físico e maximizar a experiência e a interação com o leitor, resignação que tem também contribuído para o definhamento do comércio livreiro tradicional no nosso país.

Ao abordar potenciais leitores no terreno onde se insere o estudo deste projeto de comunicação foi notório o desconhecimento do público dos espaços alternativos existentes no Porto que divulgam publicação alternativa. Esta abordagem aleatória a um público identificável com o circuito alternativo que se divulga no Projecto Parale//o, comprova a necessidade de dar a conhecer estes espaços. Porque um livro só é livro se for descoberto e lido pelo seu leitor.

Os objetivos deste projeto/dissertação passam por perceber e indicar como podem as livrarias independentes criar estratégias para contrariar o presente fenómeno de desaparecimento assim como consciencializar o leitor, através de um projeto de design de comunicação, para a importância de apoiar atualmente a livraria independente, espaço necessário para viabilizar a publicação alternativa, invisível nos circuitos comerciais da publicação.

### **1.3) Abordagem e estratégia**

É recorrente os agentes do livro queixarem-se da inexistência de uma relação profissional entre os diferentes intervenientes do circuito do livro. José Bártolo, num artigo que esboça o Estado da Arte da publicação independente contemporânea, artigo particularmente influente no processo conceptual do Projecto Parale//o, refere:

Se as publicações de autor – desde fanzines a livros de artista – não são assim tão raras, a raridade reside na capacidade de criar um

projeto de edição e de o afirmar dentro de um determinado contexto.<sup>3</sup>

Num processo aberto, fluido e que se pretende participativo, procura-se apreender o universo da publicação independente, impressa, através da perspetiva dos livreiros. Numa abordagem amadora, recorrendo ao parecer de livreiros independentes, procura-se fundamentar e alicerçar uma opinião sobre o setor da publicação independente e seus diversos intervenientes.

Assumindo uma emergência cultural, procuraremos criar dinâmicas e discursos com uma audiência que percebe a intenção do projeto e, acima de tudo, reconhece a sua urgência. Ao fomentar o interesse e a participação dos livreiros independentes e de agentes do setor nas diferentes fases de produção do Projecto Parale//o, pretende-se potencializar uma futura implementação e distribuição de um projeto de comunicação que, a nosso ver, responde a uma necessidade real e intervém no próprio contexto do setor da publicação.

Anota José Bártolo no artigo citado anteriormente:

É no movimento de distribuição, a cadeia de intermediários que leva o produto até ao consumidor, que se encontram as alternativas e tangentes aos circuitos comerciais e se reconhece o leitor ideal.

A estratégia passa por deambular pelo circuito independente, descobrir espaços, respetivas comunidades e publicações, para identificar o público-alvo em que se pretende atuar, público que será alertado para a problemática da livraria independente nos sítios em que se movimenta. Para isso, cria-se um projeto de comunicação que tem como premissa enfatizar o papel crucial da livraria independente para a vitalidade e diversidade do setor da publicação no atual contexto da publicação.

---

3. Artigo disponível em [<http://reactor-reactor.blogspot.pt/2010/11/edicao-independente-notas-para-um.html>]

#### 1.4) Metodologia

A dispersão geográfica das livrarias independentes existentes em Portugal obriga a delimitar a atuação a uma cidade para facilitar as diferentes fases do processo de produção. A escolha da cidade do Porto deve-se, essencialmente, ao reconhecimento de que aí se encontram inúmeras livrarias alternativas e espaços especializados que divulgam a publicação alternativa e marginal para nichos muito específicos. A cidade tem ainda uma cultura livreira histórica, tendo os livreiros assumido, ao longo dos tempos, um papel relevante enquanto agentes e promotores culturais ativos e dinâmicos, possuindo ainda diversos movimentos em prol das livrarias independentes que persistem na cidade.

Seis espaços muito específicos, distintos entre si, com diferentes perfis e identidades, e que se assumem como alternativos ao circuito comercial mainstream da publicação, serão divulgados numa plaquette informativa, procurando consciencializar o leitor-ideal numa intervenção local. Uma plataforma digital que funciona como ancoragem e divulgação de espaços que permitem, apoiam, divulgam e comercializam a publicação independente no Porto, procura alargar o público-alvo e expandir a atuação do Projecto Parale//o ao espaço virtual.

A presente dissertação propõe o Projecto Parale//o, um projeto cultural que assume a pretensão de intervir e que se desdobra numa plaquette informativa REIP - um *Roteiro de Edição Independente no Porto*, e numa plataforma digital RLIP - uma *Residência do Livro Independente no Porto*. O Projecto Parale//o, um projeto cultural de comunicação, é, materializado nas diferentes fases que a seguir se descrevem.

**A primeira etapa** estuda o fenómeno de encerramento das livrarias independentes recorrendo a estudos relacionados com o comércio livreiro, a publicações periódicas que abordem o circuito independente e a blogues dos livreiros mais conceituados do setor, particularmente o *Chapéu e Bengala* do *Livreiro Velho* Manuel Medeiros e o *Pó dos Livros* do livreiro Jaime Bulhosa. Esta etapa estuda o que foi dito e escrito, e fundamenta uma opinião, recorrendo a entrevistas diretas a alguns livreiros portugueses. Contextualiza o comércio livreiro em Portugal, analisa a dimensão do fenómeno e enumera os motivos que ditam o presente definhamento do comércio livreiro em Portugal.

**A segunda etapa** insere-se *in loco*, no terreno, e atua na cidade do Porto. Esta etapa seleciona as livrarias independentes e os espaços culturais, artísticos e sociais

que se pretendem divulgar junto do público-alvo, nos diferentes meios que integram o Projecto Parale//o.

A **terceira etapa** estuda e descreve os projetos contemporâneos selecionados existentes no contexto da publicação, particularmente ligados ao circuito independente. A vertente conceptual, ideológica e artística, assim como os métodos de produção ou distribuição que os tornam singulares serão expostos e tomados como influência nas fases de conceção, (re)produção e distribuição do projeto de comunicação que resulta desta dissertação.

A **quarta e última etapa** corresponde à conceção e materialização dos diferentes suportes de divulgação do projeto de comunicação. Esta fase expõe todo o processo de maturação, experimentação e produção, refletindo sobre a sua viabilidade futura.



ÇÃO INDEPENDENTE NO PORTO -----

dição Independente no Porto divulga os  
is, artísticos e sociais do Porto que  
gam todo um movimento de publicações  
tas em lojas comerciais e livrarias

## 2. Enquadramento teórico



## 2.1) O comércio do livro em Portugal

### 2.1)1 *Notas para um enquadramento*

O mercado do livro produz muito mais do que aquilo que consome e só nos últimos três anos foram publicados 51268 títulos em Portugal<sup>4</sup>. O problema principal da economia do livro consiste num total desfasamento entre a quantidade e multiplicidade de títulos publicados e a pouca capacidade de absorção do leitor. Como não há espaço para todos os livros nos pontos de venda, a distribuição revela-se como um problema fundamental no circuito do livro.<sup>5</sup>

Furtado refere as editoras que têm pontos próprios de venda e as vantagens de controlar esse elemento do circuito:

A disponibilidade de uma rede própria de vendas permite estabelecer uma política comercial autónoma e adquirir uma maior sensibilidade em relação ao gosto e expectativas dos leitores através do contacto directo com o retalho. O controlo do livro sobre as vendas e do nível de stocks no armazém é fundamental, pois permite intervir tempestivamente, intensificando a promoção ou transferindo a mercadoria, conforme as necessidades, antes de tomar a decisão de reimprimir um título. (Furtado, 2000:101).

É esta possibilidade de controlar o último elo da cadeia do livro e manter a total autonomia do setor que motivou, recentemente, uma das mais intensas e radicais mudanças estruturais no setor da publicação portuguesa. Os dois megagrupos editoriais, o Grupo Leya e a Porto Editora, que conglomeram dezenas de chancelas, adquiriram estruturas de distribuição e cadeias de livrarias para poderem explorar toda a cadeia de valor da indústria da publicação Assim, estes dois grandes grupos

---

4. Número calculado pelo número ISBN (International Standard Book Number) atribuído nos últimos três anos em Portugal. Esta informação é disponibilizada na plataforma da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros de Portugal. [<http://www.apel.pt/pageview.aspx?pageid=206&langid=1>]

5. Para perceber esta questão aconselha-se a leitura de *A economia da cadeia produtiva do livro* de Fábio Sá Earp e George Kornis, pp. 3-18; 2005.

editam, imprimem, distribuem, vendem e divulgam os livros das diferentes chancelas envolvidas nas respetivas cadeias livresiras.

José Vegar, em *Falha Maior*, num artigo crítico em que enumera os motivos pelos quais num «setor crucial para todos nós, o da produção literária, as obras estão toxicamente dependentes dos seus valores mediático e comercial», refere que com este movimento a edição «sofreu umas das mais radicais transformações setoriais em Portugal, passando de um agente tradicional e estático, para um *player* dinâmico e ágil»<sup>6</sup>.

António Guerreiro em *Ciclo Vicioso*<sup>7</sup>, um artigo controverso que expõe as tensões entre os diversos protagonistas do setor, particularmente editores, distribuidores e livreiros, abord<sup>8</sup>a a configuração na estrutura do setor discorrendo sobre as dificuldades de exposição das editoras independentes nas cadeias livresiras dos grandes grupos:

Nos últimos anos o mercado do livro configurou-se de modo a haver um controlo dos grandes grupos sobre toda a cadeia da comercialização (logo, determinando hegemonicamente a produção e os programas editoriais): editam, distribuem e vendem nas respetivas cadeias de livrarias. De maneira que os pequenos médios editores – chamados independentes –, editando para certos fragmentos do mercado que estão fora dos objetivos dos grandes grupos, são no entanto obrigados a passar pela intermediação destes, cuja estratégia é uma ocupação total do espaço, e a última coisa que lhes convém é que um mercado tão saturado tenha outros fluxos que não seja a corrente avassaladora da produção industrial (e a industrialização tem como consequência direta a hiperprodução).

---

6. Ideias e debates, *Falha maior*, José Vegar. ATUAL, Nº2076. 11 de Agosto de 2012 | Expresso (p. 34-35)

7. *Círculo Vicioso*, António Guerreiro. ATUAL, 28 de Janeiro de 2012 | Expresso (p.:28 e 29)

Nuno Pinho aborda em *B:Mag*<sup>9</sup> as repercussões desta mesma concentração na exposição das editoras independentes no Grande Circuito, nomeadamente nas cadeias de livrarias de outros grupos editoriais e nas grandes superfícies comerciais e hipermercados, e escreve:

As redes de livrarias/hipermercados sofrerão uma pressão maior destes grupos (...). Inversamente, poderão não só piorar as condições de entrada para as restantes editoras, como ocuparão uma percentagem ainda maior do espaço disponível nas lojas (estima-se que os dois grupos poderão ocupar mais de dois terços do espaço disponível), potenciando uma espiral de concentração que se auto-alimenta.

As diferentes publicações que abordam a recente reconfiguração da estrutura da indústria da publicação, evidenciam maiores dificuldades para as editoras independentes – as editoras que se mantêm autónomas dos grandes grupos editoriais –, em integrar o circuito comercial da Grande Distribuição. O intensivo e extensivo encerramento de Livrarias Independentes em Portugal permite antever graves dificuldades de visibilidade física para as pequenas, médias e micro-editoras junto do leitor, progressivamente confinadas à visibilidade em plataformas virtuais.

## 2.1)2 A importância da livraria independente na oferta alternativa

Uma livraria é um espaço diferente – oh! Muito diferente! – daqueles que, agora, aparecem nos supermercados, onde se vendem livros para consumos de massas, apressadas, e onde não se encontram algumas das marginalidades que verdadeiramente importam. (Dacosta,1990:132)

---

9. Uma revista dedicada exclusivamente ao setor editorial, editada pela Booktailors e disponibilizada gratuitamente *online*. B.mag#3 – Booktailors Publishing Magazine, fevereiro de 2011, pág.28-30. Revista disponível em [http://www.booktailors.com/files/bmag\\_03.pdf](http://www.booktailors.com/files/bmag_03.pdf)

A contrariar a lógica comercial que foi dominando progressivamente o setor da publicação, coexistem, com o seu meritório e imprescindível trabalho, muitas médias, pequenas e pequeníssimas editoras independentes<sup>10</sup>, que resistem ao processo de uniformização da produção de um setor cultural industrializado e às lógicas comerciais do seu mercado. Estas editoras, muitas vezes sem pretensões comerciais, permitem-se uma maior liberdade de discursos e experimentação. Por norma com uma estrutura organizacional extremamente reduzida, concentram-se em nichos de mercado e têm a sua distribuição circunscrita às livrarias independentes e a circuitos comerciais muito específicos.

O livro, enquanto espaço de liberdade, enquanto um espaço discursivo por excelência, com capacidade de atuar junto do leitor e com pretensão, até, de o subverter, obriga a um certo distanciamento da indústria cultural, rejeitando encará-lo como um mero produto submetido às exigências de mercantilização de um circuito comercial.

Estas editoras, verdadeiras «aventuras editoriais que se teimam luzes, pequenas luzes, no denso negrume da publicação livresca massificada» (Batalha, 2013:13), encontram na livraria independente um lugar de exposição privilegiado, muitas vezes o único disponível, para encontrar o seu leitor. O papel da livraria independente é, portanto, de primeira ordem no setor da publicação independente, por ser uma alternativa ao circuito competitivo da grande distribuição. É, consequentemente, importante para o público leitor, pois assegura diversidade, liberdade de escolha e ofertas alternativas. É, ainda, importante para o local em que se inserem, porque se assumem como um foco cultural na sua zona de influência uma vez que, como recorda Jorge Manuel Martins, são «(...) verdadeiros lugares de vida e de troca, as livrarias podem ser autênticos focos de efervescência cultural, o dos encontros à volta dos livros, o da valorização das escolhas pessoais num espaço-tempo menos anónimo e mais sereno.» (Martins, 2005:242)

---

10. Recorrendo à definição de Marcos Farrajota no *Relatório sobre Fanzines e Edição Independente em Portugal 2011*, a publicação independente é «um termo que se tem utilizado para definir edições de livros ou de discos que fogem aos parâmetros, conteúdos e formatos das grandes editoras que geralmente dominam o mercado em vendas, distribuição, espaço de venda nas lojas e promoção dos seus produtos e artistas».

## 2.2) O fenómeno de encerramento das livrarias independentes

### 2.2)1 *Uma problemática corrente e recorrente em Portugal*

O panorama atual de desaparecimento de livrarias independentes em Portugal é esmagador e rapidamente se difundiu nos meios de comunicação social o recente encerramento da histórica Livraria Portugal, no Chiado, «que encerra com 70 anos de vida» ou que «uma das livrarias mais emblemáticas de Portugal, com 35 anos de história, encerra nas Caldas de Rainha». Nestas reportagens, limitadas pelo curto tempo de antena ou espaço da imprensa dedicado ao assunto, um dos livreiros da Livraria Portugal denuncia que «é impossível para uma livraria competir com as vendas das grandes superfícies, na internet, nos correios, a preços e condições impossíveis de acompanhar»<sup>11</sup> e o canal público antecipa-se a apontar a atratividade dos centros comerciais e grandes superfícies, que roubaram a clientela da Livraria Porta 107 das Caldas da Rainha, como o motivo mor para o seu encerramento, precisamente no ano em que a sua livreira, Isabel Castanheira, é reconhecida com o Prémio Livreira do Ano.

Em 1996, numa altura em que os centros comerciais estavam já amplamente difundidos mas a Fnac e o El Corte Inglés ainda não se tinham instalado no território português, o encerramento de inúmeras livrarias tradicionais de rua alertou o setor e motivou a discussão de medidas reguladoras que permitissem salvaguardar o comércio livreiro tradicional. A causa, denunciava-se na época, eram as fortes reduções ao preço de capa estipulado pelo editor praticadas nos hipermercados e permitidas pela *Lei da Livre Concorrência* que imperava na altura no setor cultural da publicação.

Fernando Guedes, num texto intitulado *Necessidades e Urgências de uma Lei do Preço Fixo*, alertava na época para o «pó» do problema dos descontos praticados pelos hipermercados em livros «criteriosamente» selecionados para «satisfazer as necessidades de multidões que os frequentam», era serem precisamente aqueles

---

11. Informação retirada da reportagem de Nuno Amaral sobre o encerramento da livraria Portugal, na TSF online, de 29 de Fevereiro de 2012.

livros «que *iriam* não só constituir a principal fonte de rendimento do livreiro, mas permitir-lhe, com os lucros aí gerados, manter nas suas prateleiras, sabe Deus por quantos e quantos anos, aqueles livros – de ensaio, de filosofia, de poesia, de memórias, ou até algum romance ou alguma monografia – que constituem realmente o fundo cultural de um país.» (Guedes, 2001: 293-295).

Em setembro de 1996 surge a *Lei do Preço Fixo*, lei que estipula os descontos permitidos ao preço de capa definido pelo editor e que continua ainda hoje a regular o setor da publicação.<sup>12</sup> A *Lei do Preço Fixo*, implementada para contrariar o encerramento de livrarias independentes em Portugal não tem, atualmente, conseguido contrariar o fenómeno. A causa, denunciam inúmeros livreiros, reside precisamente no seu não cumprimento, irregularidade que será abordada na alínea e ponto seguintes.

## 2.2)2.Políticas de proteção e movimentos em prol do comércio livreiro tradicional

O livro tem sido o instrumento privilegiado de natureza cultural e educativa propiciador da formação das pessoas. Esta função eminente permitiu sempre que ao livro não se aplicassem, de um modo redutor e simplista, as regras normais vigentes e adequadas ao comum produto económico. A nossa civilização tem considerado como prioridade cultural a possibilidade de o livro ser objecto de fruição pelos indivíduos, de um modo geral, o que, entre outras coisas, implica a necessidade de colocar o referido bem à livre e fácil disposição do público, em qualquer parte do território nacional. A manutenção deste objectivo determina a existência de uma rede, densa e diversificada, de livrarias, considerados os espaços aptos para satisfazer as reais necessidades culturais da

---

12. Esta lei define que os descontos podem alcançar 10% do preço da capa fixado pelo editor ou importador, e que o limite se estende pelos 18 meses seguintes à edição – qualquer que seja a edição ou reimpressão. Os descontos podem chegar a 20% em compras de bibliotecas públicas, escolares e instituições de utilidade pública, em ações de promoção do livro e autor portugueses no exterior, em ações de incentivo à leitura e promoção do livro (nomeadamente em feiras do livro, congressos ou exposições do livro) por um período com duração máxima de 25 dias por ano.

população portuguesa neste domínio. Nos últimos anos, em consequência de vicissitudes várias da economia da organização do mercado do livro, muitas livrarias encerraram a sua actividade, num movimento que se tem verificado também nalguns países europeus. Esta situação, negativa e preocupante, impõe a criação de medidas disciplinadoras e de incentivo, de modo a corrigir-se as detectadas disfuncionalidades do mercado do livro e a garantir aos seus agentes condições de actuação mais equitativas e proveitosas para o interesse geral.<sup>13</sup>

Estas considerações de que o livro não é um produto como os outros, mas um veículo privilegiado de cultura, que o património cultural do país deve ser colocado à disposição do público exigindo para isso a manutenção de uma rede densa e diversificada de livrarias, motivou a publicação da Lei do Preço Fixo em Portugal.

As condições necessárias para contrariar as «vicissitudes várias da economia da organização do mercado do livro» foram criadas como foi dito ainda em 1996, contudo, esta lei não está a conseguir, atualmente, proteger as livrarias independentes, precisamente aquelas que motivaram a sua discussão e posterior publicação. O motivo, e denunciam os livreiros, deve-se ao facto de não estar a ser cumprida. O preço é um elemento relevante na escolha final do leitor, mais ainda no presente contexto económico austero como o que Portugal está a atravessar.

A importância da fixação do preço de venda para assegurar a manutenção da rede de livrarias independentes é comprovada, por exemplo, e analisando o mercado em outros países, pela prosperidade do mercado em França, prosperidade que contraria a tendência global do setor e que se deve, em grande medida, ao facto de o estado ter implementado desde 1981 uma lei de fixação de preço que não permite descontos superiores a 5% ao preço de capa estipulado pelos editores, lei de tal forma fiscalizada e regulada que nem mesmo o gigante *Amazon* comete ilegalidades.<sup>14</sup> Deve-se, ainda, às grandes campanhas financiadas pelo governo em prol das livrarias independentes na imprensa, difundidas em jornais e revistas de todas as matizes e levadas a cabo pelo sindicato de editores e livreiros e por associações pró livro.

---

13. Informação retirada do *Diário da República*, nº 203, de 2 de Setembro de 2000.

13. *The New York Times*, “The French Still Flock to Bookstores”. [<http://www.nytimes.com/2012/06/21/books/french-bookstores-are-still-prospering.html>], 20 de junho de 2012.

Em Portugal, contrariamente, a Lei do Preço Fixo não tem sido alvo de fiscalização, sendo constantes as denúncias sobre o seu incumprimento em espaços comerciais e, até, em eventos organizados pela Associação Portuguesa de Editores e Livreiros. Se em inúmeros países a redução do peso das livrarias independentes tem gerado não apenas políticas públicas, mas igualmente ações corporativas para apoiar as livrarias independentes a nível local e nacional, levadas a cabo pelas associações eleitas para defender os diversos intervenientes do setor, em Portugal, não foi ainda criado um movimento ou ação iniciado pela Associação Portuguesa de Editores e Livreiros. Por esse motivo, inúmeros livreiros, a sua maioria, são a favor de uma associação que defenda os seus interesses e permita estabelecer um equilíbrio, apelando à contenção dos monopólios desenvolvidos pelos megagrupos do setor. Uma «contra-argumentação» evocada por Paulo Seara e Dina Ferreira, livreiros entrevistados para esta tese, que permita, enquanto grupo de independentes, um maior poder negocial e garanta os mecanismos e estratégias de defesa contra este fenómeno.

O mesmo ponto de vista expressa Hugo Xavier, num artigo que integra a B:Mag, com o título *Da distribuição aos tempos de concentração – considerações*<sup>15</sup>:

Quanto aos livreiros independentes, na minha opinião, ou se dá, efectivamente, a criação de uma associação de livreiros independentes que lhes permita concorrer enquanto grupo de grande dimensão, ou acabarão esmagados pelos grandes grupos, reduzidos ao número das livrarias alternativas essenciais — aquelas que fazem, de facto, um trabalho de excepção ou são salvas por factores específicos (localização, decoração, enfoque especial dos títulos apresentados, etc.), e prevejo para um futuro breve esta calamidade.

Enquanto esta associação de livreiros independentes não é implementada, vão surgindo algumas feiras alternativas e campanhas pró livrarias independentes, movimento particularmente visível no Porto e do qual o *Bairro dos Livros* assume, pela sua dimensão e continuidade, o exemplo mais expressivo. O *Bairro dos Livros*, um movimento que une diversas livrarias independentes e alfarrabistas no Porto, é

---

15. B.mag#3 – Booktailors Publishing Magazine, Fevereiro de 2011, pág.34-35. Revista disponível em [http://www.booktailors.com/files/bmag\\_03.pdf](http://www.booktailors.com/files/bmag_03.pdf)



levado a cabo pela *Culture Print*, uma cooperativa sem fins lucrativos externa ao setor.

## 2.3) Os motivos para o fenómeno de encerramento

### 2.3)1 *A desregulação do comércio livreiro em Portugal*

O fenómeno de encerramento das livrarias independentes, não sendo recente, sempre esteve ligado ao desregulamento da comercialização do livro. Este é o grande motivo apontado por inúmeros livreiros para a atual decadência das livrarias, uma crise que é «endógena» como refere Jaime Bulhosa<sup>16</sup> e que se traduz numa «brutal concorrência escudada no total desregulamento da comercialização do livro», nas palavras de Isabel Castanheira.<sup>17</sup>

Vasco Teixeira, administrador do Grupo Porto Editora, apontava em 2009 as «mudanças de paradigma comercial, com enormes fluxos de consumidores atraídos para os hipermercados e centros comerciais» como a causa da contínua decadência das livrarias independentes, que tal como «a maioria dos outros estabelecimentos comerciais tradicionais, perderam grande parte dos seus clientes» (Teixeira, 2009: 8). Furtado, sobre o poder de atração dos hipermercados e as vantagens competitivas destes locais face às livrarias, afirma que as «superfícies de maior dimensão aparecem já como concorrentes directos das livrarias menos caracterizadas» (Furtado, 2000: 138), e sintetiza, apoiando-se em Paolla Dubini, o possível futuro do comércio livreiro caso a grande distribuição decida estudar os resultados da rotatividade imposta para melhorar a qualidade do serviço e aumentar a capacidade de atração junto dos consumidores:

Se assim vier a acontecer, nos próximos anos poderemos esperar que as livrarias se venham a concentrar nos maiores centros, podemos esperar um aumento das dimensões médias ou da especialização por género e uma crescente difusão da grande distribuição na província e nas comunidades de maiores dimensões

---

16. Jaime Bulhosa, *O presente e o futuro das livrarias*, texto apresentado no Congresso do Livro nos Açores (2011).

17. Isabel Castanheira, em discurso preferido após ser galardoada com o Prémio Livreiro, entregue pela APEL, no mesmo ano em que a sua Livraria Porta 107 encerra nas Caldas da Rainha. Texto apresentado no Congresso do Livro dos Açores (2011).

e a uma ulterior afinação da composição do sortido nos pontos de venda de maior dimensão. (Furtado, 2000: 140)

Segundo o mesmo autor, mesmo que os hipermercados decidam investir na qualidade de serviço e atrair maiores fluxos de leitores, tal não significa que o destino das livrarias esteja confinado à extinção pois «as que forem capazes ou souberem manter-se coerentes com a sua missão original – amplo sortido constituído em primeiro lugar por livros, serviço elevado e qualificado – parecem estar em condições de garantir os melhores resultados competitivos e de rendibilidade.» (Furtado, 2000: 141)

Analisando as «condições» de algumas das livrarias independentes que encerraram em Portugal, é possível perceber que, e contrariamente ao que afirma Furtado, a coerência com a «missão original» não é, no atual contexto de mercado livreiro, garantia suficiente para atingir os «melhores resultados competitivos e de rendibilidade». A histórica Livraria Portugal (com 70 anos de funcionamento, livreiros competentes com décadas de experiência e com stock de 55 mil títulos...), descrita por Manuel Medeiros, o *Livreiro Velho*, como «uma das mais importantes e históricas Faculdades da Universidade Livreira Portuguesa»<sup>18</sup>; a emblemática livraria das Caldas da Rainha, Porta 107 (com 25 anos de história, um serviço irrepreensível e ativa na dinamização de variadas atividades culturais), que fecha as portas no ano em que a sua livreira, Isabel Castanheira é reconhecida, como se disse anteriormente, com o *Prémio Especial Livreiro* «pela forma apaixonada com que transformou a sua livraria num ponto de encontro»<sup>19</sup>; a Livraria Trama (com localização privilegiada em Lisboa, inúmeros e constantes eventos culturais e uma seleção criteriosa do catálogo), ou ainda a Poesia Incompleta (espaço acolhedor em Lisboa, serviço elevado e especializada em poesia) são alguns dos muitos exemplos. Podemos ainda referir de passagem, para não tornar esta listagem extensiva, a Livraria Sá da Costa, a Livraria Guimarães, a Livraria Barateira, a Livraria Camões e prever, de acordo com um manifesto contra o encerramento das livrarias de Lisboa subscrito pelos cinco livreiros da Livraria Sá da Costa, e lançado recentemente no dia do seu

---

18. Citação extraída de <http://encontrolivreiro.blogspot.pt/2012/02/fecha-hoje-as-portas-na-rua-do-carmo-em.html>

19. Citação extraída de <http://autoreselivros.wordpress.com/2011/02/27/premios-lerbooktailors/>

encerramento, que «estão em vésperas de fechar a Livraria Olipsio e a Livraria Artes e Letras, se não mesmo a provecta Livraria Lello.» (Batalha, 2013:10)

Jaime Bulhosa, no mencionado texto *O presente e o futuro das livrarias*, recua no tempo e analisa, na perspectiva de um livreiro com quase três décadas de experiência «a trabalhar com e para o livro», a atual crise das livrarias independentes no contexto da evolução do setor editorial, centrando-a particularmente nas transformações ocorridas com a entrada progressiva de novos operadores e investidores especulativos no comércio livreiro.»

Bulhosa recua a meados da década de 80 do século XX, com o aparecimento das grandes superfícies comerciais em Portugal e venda de livros nos hipermercados, a sequente difusão dos centros comerciais por Portugal e entrada das primeiras lojas *Worten*, *Fnac* e *El Corte Inglés* na distribuição do setor. A entrada destes inúmeros operadores fez com que a representação das livrarias independentes no mercado editorial diminuísse drasticamente, de 50% para 15% e que as margens comerciais cedidas aos diferentes operadores, que antes oscilavam entre 30% e 35% entre as diferentes livrarias tradicionais, «uma diferença facilmente anulada através da diferenciação do serviço», passassem a variar entre 30% a 60%, valores «manifestamente injustos e incompatíveis para a manutenção de um mercado em concorrência saudável» (Idem).

As livrarias independentes parecem ser os agentes mais vulneráveis do mercado e denunciam as suas muitas dificuldades num setor editorial dominado pelos grandes grupos, revelando dificuldades em aceder aos títulos das chancelas abarcadas pela concentração. A desvantagem competitiva face à disparidade das margens comerciais e preços inferiores da grande distribuição é agravada por «políticas pouco facilitadoras» que exigem o pagamento a pronto de livros encomendados<sup>20</sup>, prática contraditória tanto às políticas de aquisição do grupo em questão como à realidade do comércio livreiro português.<sup>21</sup>

Queixas constantes circulam nos diferentes blogues dos livreiros, sendo recorrente denúncias sobre privações temporárias para a justa concorrência<sup>22</sup>, antecipações propositadas de grandes cadeias de supermercados e hipermercados das

---

20. Particularmente o grupo Leya, diz-nos Dina Ferreira, da livraria Poetria, é conhecido pelas «políticas pouco tolerantes» exigindo o pagamento a pronto de livros que um livreiro não tem garantias de o poder vender. Informação recolhida em entrevista para este estudo.

20. O comércio livreiro, diante da incerteza do interesse do leitor por um determinado título, reduz os riscos de encalhe adquirindo livros à consignação. A editora “empresta” os títulos temporariamente à livraria ou superfície comercial, e recebe posteriormente o pagamento das vendas efetuadas.

22. Os livreiros chegam a receber os títulos, que encomendaram ao mesmo tempo que os grandes retalhistas com um atraso de meses ou, por vezes, até de edições.

datas estipuladas para lançamentos<sup>23</sup>, ou mesmo total impossibilidade de adquirir livros dos grandes megagrupos<sup>24</sup>.

As irregularidades da comercialização do livro não são praticadas apenas nos espaços físicos da grande distribuição. A prática de descontos superiores aos permitidos pela Lei do Preço Fixo é visível nas grandes Feiras do Livro do Porto e de Lisboa, onde os livreiros dizem encontrar livros com menos de 18 meses de edição a um preço duas vezes inferior ao estabelecido se encomendado diretamente ao editor<sup>25</sup>. Esta prática provoca quedas abruptas no fluxo de vendas de uma livraria independente, quedas que se prolongam muito para além da duração temporal dos eventos.

Por não terem poder negocial para exigir margens comerciais que permitam descontos significativos ao cliente, por competirem diretamente com os grandes grupos editoriais e editoras que integram o evento, e porque os valores exigidos pela Associação Portuguesa de Editores e Livreiros para integrar as Grandes Feiras do Livro são exorbitantes para a atual realidade do pequeno comércio livreiro, as livrarias independentes não conseguem integrar estes eventos e acusam a APEL de estar a afunilar o comércio livreiro em Portugal.<sup>26</sup>

A APEL é duramente criticada por diversos livreiros independentes e denunciada, por exemplo, no *Manifesto contra o desastroso encerramento das livrarias*

---

23. A livraria Fonte de Letras, em Montemor-o-Novo, exemplifica claramente as consequências prejudiciais destas irregularidades. José Saramago viveu em Lavre, concelho de Montemor-o-Novo, onde chegou a escrever o romance *Levantado do Chão*, autêntica “bíblia” do povo alentejano na sua luta pela liberdade e dignidade humana. Acarinhado e reconhecido pela população, tanto pelas ideologias políticas como pela obra literária, o lançamento de uma obra sua motiva agitação junto de leitores que anseiam por lê-lo. Num comunicado, dia 17 de outubro, sábado, anunciava a livraria Fonte de Letras aos seus clientes que tinham requerido o livro prestes a ser lançado: «Dia 19 de Outubro é o dia em que o novo livro de José Saramago, *Caim* (Editorial Caminho - Grupo Leya), é posto à venda nas livrarias - assim foi comunicado aos livreiros e assim é divulgado no blog da revista *Ler*. No entanto, parece que não há nenhuma livraria no Alentejo que já tenha recebido o livro para ser posto à venda na 2ª feira. Mas, a Fonte de Letras presta aqui um serviço extra aos seus clientes, dizendo que hoje, dia 17, o livro já está à venda no Pingo Doce de Montemor, e provavelmente em muitos outros supermercados.»

24. Pedro Lérias, livreiro da Loja de História Natural, denuncia o caso de uma livraria do Porto selecionada como ‘objeto de estudo’, e que fechou entretanto, comentando um post do Caldeirão Voltaire, que por sua vez expõe um post do blogue da Livraria Pó dos Livros. Com o título ‘Uma resposta a Editoras, marketing e pequenas livrarias’, diz-nos: «Em 2 anos de funcionamento da Loja de História Natural não conseguimos sequer que a Leya e a Bertrand Distribuição nos abrissem conta. Só não vê quem não quer ver que o mercado editorial em Portugal está louco e ninguém faz cumprir as mais básicas regras de mercado e competição. Informação adquirida em <http://cadeiraovoltair.wordpress.com/2012/04/12/editoras-marketing-e-pequenas-livrarias/>

25. Escreve Jaime Bulhosa no blogue Pó dos Livros, sobre a possível extinção das livrarias independentes de Portugal no futuro: «Este é um cenário possível de encontrar em Lisboa e noutras cidades de Portugal de 2031. Se as políticas culturais se mantiverem, se o desrespeito total pelas leis do preço fixo continuar, como acontece na Feira do Livro de Lisboa, onde um livreiro pode encontrar livros, com menos de dezoito meses de edição, duas vezes mais baratos do que encomendando directamente ao editor.» Informação disponibilizada em <http://livrariapodoslivros.blogspot.pt/2011/05/excuse-me-where-can-i-find-bookshop.html>

26. Antero Quental, proprietário e diretor da Livraria Lello, no Porto, acusa os grandes grupos de editoras de estarem a destruir os livreiros, ao controlarem a produção, distribuição e venda e mesmo as Feiras do Livro de Lisboa e Porto, e denuncia, numa entrevista a Ana Isabel Pereira com o título “Animação e descontos ‘gordos’ na Feira do Livro do Porto”, que “A Feira do Livro só neste país é que é feita por editores» e que “em qualquer parte do Mundo são os livreiros que organizam as feiras do livro”. Reportagem disponível em <http://porto24.pt/vida/26052011/animacao-e-descontos-gordos-na-feira-do-livro-do-porto/#.UsonBtJdVMg>

*da Cidade de Lisboa no centenário da Livraria Sá da Costa*, editado pela Letra Livre com a colaboração de Vítor Silva Tavares, editor da &etc<sup>27</sup>:

Sendo a «concorrência»  
a verdadeira, incontornável «alma do negócio»  
(dizem-no gentes desalmadas)  
a própria corporação  
de editores e livreiros  
não só encolhe os ombros  
como parece «rejubilar»  
quando um concorrente»  
- ainda que não faça concorrência-  
por ser outro o seu âmbito –  
se vê forçado a fechar portas.  
Resultado: ninguém levanta  
um fósforo do chão. (Costa, 2013: 12)

### 2.3)2 *A convulsão tecnológica*

Todo este processo de encerramento das livrarias tradicionais não pode deixar de estar associado ao advento das novas tecnologias em rede e ao surgimento de canais através dos quais se difundem formas mais dinâmicas de comunicação – multimediáticas, interativas, imediatas - que secundarizam o papel do livro enquanto meio para aceder a informação e o papel do livreiro enquanto mediador de informação.

Ainda em 1995, Bill Gates anuncia que apesar do conhecimento humano e toda a restante informação ter sido armazenada durante mais de 500 anos em documentos de papel «a sua importância como meio de encontrar, preservar e distribuir informação já se encontra num processo regressivo» (Gates, 1995: 143).

Meia década mais tarde, escreve Francisco Vale que «enquanto mercadoria com valor cultural, o livro tende a tornar-se num ramo da sociedade multimédia, muitas

---

27. A &etc é a mais antiga e conceituada editora independente de Portugal.

vezes remetido ao estatuto de fornecedor de conteúdos» (Vale, 2009: 18) e que a mudança para o formato digital mais não vem do que acompanhar a «alteração das capacidades imagéticas e uma maior dispersão dos mais jovens leitores», acrescentando ser mesmo «possível que se caminhe para uma certa dissociação entre a leitura e o livro». (Vale, 2009: 25).

Atualmente, em plena e permanente convulsão tecnológica, o suporte estático do livro foi ultrapassado pela dinâmica do ecrã e pela interatividade permitida pelas redes. Esta pouca capacidade de atração que o livro impresso parece suscitar na era de protagonismo informático - e que inevitavelmente se traduz numa redução do volume de vendas das livrarias -, é agravado pelas facilidades tecnológicas que permitem aceder ao próprio conteúdo do livro, por outros canais mais cómodos, rápidos, e de formas nem sempre legais <sup>28</sup>.

A desintermediação, isto é, a possibilidade de uma editora ultrapassar a distribuição no circuito do livro e vender diretamente ao consumidor através de plataformas digitais, tem-se revelado, para as livrarias independentes, como uma das «estratégias mais nocivas no âmbito da Internet» (Furtado, 2000: 406-7.).<sup>29</sup>

Ao reduzir os custos envolvidos na distribuição física (que pode chegar aos 60% do preço total de capa), algumas editoras oferecem nas suas plataformas virtuais descontos similares às margens comerciais cedidas às livrarias independentes. O leitor, perante a disparidade dos preços dos diferentes canais e face à aparente comodidade do processo virtual<sup>30</sup>, opta, obviamente, pelo preço mais vantajoso. O papel da livraria independente, outrora um canal privilegiado de distribuição do setor da publicação, encontra-se, nesta era digital, num processo regressivo.

---

28. No *Estudo do Setor de Edição e Livrarias e Dimensão do Mercado da Cópia Ilegal*, encomendado pela APEL e realizado pelo ISCTE, calcula-se que a cópia ilegal represente um prejuízo de 66,7 milhões de euros no setor editorial português. No entanto, por este estudo não ter em atenção o *Código de Direitos de Autor e de Direitos Conexos* e considerar que toda a cópia é ilegal ao arrepio da Lei, o valor deve ser relativizado por correr o risco de ser inflacionado.

28. Natividade confirmada por António Machado como um dos grandes motivos para a histórica Livraria Portugal, da qual era sócio, ter encerrado. Informação recolhida da reportagem de Nuno Amaral sobre o encerramento da livraria Portugal, na TSF online, de 29 de fevereiro de 2012.

30. De acordo com um estudo sobre os hábitos de consumo *online* na Europa, divulgado em Portugal pela Associação de Comércio Electrónico e da Publicidade Interativa, os portugueses estão na linha da frente a nível das compras online: 97% dos utilizadores portugueses recorre à internet para pesquisar informação sobre os bens que pretende adquirir e 78% compra *online*.

### 2.3)3 *Uma visível inadaptação das livrarias independentes - as novas necessidades do mercado*

Vimos pois que as livrarias independentes são um segmento da indústria da publicação que precisa de criar estratégias para sobreviver num mercado altamente competitivo. Conclui-se, da análise anterior, que as livrarias independentes competem em clara desvantagem em relação aos canais mais poderosos de distribuição, e que têm de fazer face às políticas comerciais pouco tolerantes dos grandes grupos editoriais e às vicissitudes de um mercado desregulado e, até mesmo, com contornos de ilegalidade.

Estas dificuldades são agravadas pelos crónicos baixos níveis de literacia do país e pelo atual contexto socioeconómico com reflexos tanto no menor poder de compra dos leitores como nas crescentes imposições taxativas ao comércio tradicional, que afunilam o comércio livreiro e definham ainda mais um negócio já por si debilitado.

Por outro lado, é notória a dificuldade de muitas livrarias independentes em acompanhar as novas necessidades da contemporaneidade e de responder aos desafios de um mercado altamente competitivo. É imprescindível que uma livraria recupere a figura tutelar do livreiro afamado que conhece e acompanha o leitor, adaptando-se às tendências da sociedade contemporânea.

Resendes Ventura, o nome literário do *Livreiro Velho*, enumera, em *Papel a Mais*, os diferentes motivos para a presente «crise» das livrarias independentes em Portugal, levantando a dúvida sobre o futuro da livraria independente em Portugal:

Com a generalidade dos hipermercados a concessionar espaço para os livros, com as cadeias de livrarias de grandes grupos, com a forte presença do livro em centros comerciais e dada a atracção do público por tais espaços, livros por tudo quanto é lado, estações de correio, postos de abastecimento de gasolina, quiosques, etc., com as vendas por Internet, com as editoras a vender directamente a bibliotecas, escolas e professores, e a manterem a mesma concorrência de sempre nas suas Feiras do Livro, com o excesso de trabalho que trouxe a multiplicação de novidades, obrigando a uma vida curtíssima de cada título, quer por razões de espaço, quer por estrangulamento financeiro, com tudo o que é pequeno comércio tradicional a desaparecer, com tudo isto, o que se pode prever acontecer à livraria tradicional, quer onde sempre existiu, quer onde tardiamente se instalou? (Ventura, 2009: 222)



Jaime Bulhosa, citado num artigo da *Time Out*<sup>31</sup>, estima que dois terços dos livros se vendam nas grandes cadeias, afirma:

A estratégia das livrarias independentes que se querem impor [no mercado] passa obrigatoriamente por apostar na diferenciação da oferta e do serviço.

Nesta entrevista, Bulhosa explica que «misturar o que as livrarias tradicionais têm de bom e o que as livrarias hoje em dia têm de garantir: um espaço agradável, onde as pessoas possam estar à vontade, aliado a uma oferta de qualidade, a livreiros com experiência e fundo de catálogo» é o objetivo da Pó dos Livros, a livraria que inaugurava em 2007, em Lisboa, e que é constantemente premiada no setor como exemplar do que uma livraria, hoje, deve ser<sup>32</sup>.

Eduarda Sousa, num artigo publicado no *Público* com o título “As livrarias que não caçam com cão, caçam com gato. Escolha criteriosa de títulos, atendimento personalizado e eventos”, sobre as livrarias independentes de Lisboa que se distinguem neste campo, e que como vemos anuncia no subtítulo as novas necessidades do mercado, afirma:

Face à pressão das grandes cadeias é preciso diversificar. Porque só vender livros não chega. É preciso que aconteça alguma coisa.<sup>33</sup>

No dossiê do *Jornal de Letras* de Agosto de 2012, *Livraria – A difícil arte da Independência*, escreve José C. Vasconcelos que «continua a haver livrarias diferentes, chamadas ‘independentes’, que mantêm uma identidade própria e para quem os

---

31. Artigo disponível em [http://timeout.sapo.pt/news.asp?id\\_news=87](http://timeout.sapo.pt/news.asp?id_news=87)

32. A Livraria Pó dos Livros conta com o prémio de melhor livraria independente 2007-2008; prémio de melhor blogue de editora ou livraria de 2008-2009, e um honroso 2.º prémio no concurso Livraria Preferida de Lisboa, apenas atrás de uma livraria histórica, com 281 anos de existência, a Bertrand do Chiado.

33. Citação retirada de <http://www.publico.pt/temas/jornal/as-livrarias-que-nao-cacam-com-cao-cacam-com-gato-19092774>

livros não são uma mercadoria como outra qualquer – como não o são, aliás, para alguns ou muitos que trabalham naqueles espaços.»<sup>34</sup>

José Carlos de Vasconcelos, na introdução ao dossiê do *Jornal de Letras*, aborda o fenómeno de encerramento das livrarias independentes em Portugal e escreve:

uma livraria independente tem de se distinguir pela qualidade, tem de encontrar um “nicho de mercado”, de ser diferente e melhor. O que no entanto pode não bastar. Situação injusta, embora por ventura inevitável na sociedade em que vivemos, e que comporta vários perigos, inclusive para a edição, cada vez mais condicionada por um “mercado” em que a qualidade, ou certo tipo de qualidade, literária, estética, intelectual, em vez de ser factor de valorização é um *handicap*...

Estes diferentes comentários e reflexões apontam para o facto de as livrarias independentes terem de se assumir como espaços de cultura, promovendo eventos culturais que criem e dinamizem comunidades de leitores na livraria.

Pretende-se, agora, fazer uma breve reflexão sobre alguns pontos fulcrais relevantes que devem ser tidos em conta por uma livraria independente no atual mercado comercial, exemplificando-os com algumas livrarias analisadas e visitadas fisicamente.

### **localização // segmentação**

O tipo de leitor vai ser muito diferente, «consoante for livraria de zona histórica, de centro histórico, de centro comercial, de bairro ou de pequena cidade», escreve Jorge Manuel Martins apoiando-se em M. M. Morales (Martins, 2005:168), indicando que é preciso ter ainda em conta a concorrência de outras livrarias ou locais de venda de livros na zona de influência.

---

34. Atualizando este artigo, das dez livrarias listadas e comentadas nesse contexto, uma delas, a livraria Poesia Incompleta, entretanto fechou.

A localização é um elemento fundamental para definir os potenciais clientes e segmentar o mercado para incrementar as vendas. Analisar a proximidade dos núcleos culturais, que criam necessidades que uma livraria deve assegurar, é essencial para segmentar corretamente o mercado. Perceber os movimentos, os públicos e os ambientes da zona em que se insere é fundamental para dinamizar a loja na sua envolvência e eleger o nicho de mercado com que se pretende trabalhar.

Tomaremos a título de exemplo a *Poetria XXI*, a única livraria em Portugal especializada em livros de teatro e poesia. Abriu em 2003 com a intenção de concentrar no seu espaço unicamente títulos dedicados à poesia. Contudo, a proximidade do Teatro Carlos Alberto e da Academia Contemporânea do Espetáculo, veio gerar necessidades específicas, tornando indispensável oferecer obras dedicadas ao teatro, potenciando assim as vendas e correspondendo às necessidades do microcosmos circundante da livraria.

A livraria *Salta Folhinhas*, a primeira livraria especializada em livros infantis no Porto, encontra no colégio infantil vizinho, a escassos metros do seu espaço, o melhor aliado, sendo comum os pequenos leitores irem diretamente para a livraria antes ou depois das aulas e serem presença constante nas inúmeras atividades de promoção do livro e da leitura que ocorrem no seu interior.<sup>35</sup>

### **sortido // especialização**

Concordamos com a opinião de Resendes Ventura que escreve que «nunca haverá um modelo de livreiro verdadeiramente competente, a não ser por especialidades». (Ventura, 2009: 37). Perante a multiplicidade de títulos disponíveis e constantes novidades, a especialização facilita um conhecimento mais aprofundado por parte do livreiro dos títulos que circulam no mercado, aumentando, por isso, o valor informativo de uma visita do leitor.

Apostar na especialização, menos generalidades e mais títulos de um tema, permite ao leitor ter a confiança de que vai encontrar o que procura naquela livraria a que se dirige e, no caso da inexistência de um determinado livro, de lhe ser indicado

---

<sup>35</sup> Informações obtidas junto das livreiras destes espaços, em entrevista para este projeto de dissertação.

pelo livreiro, competente e especializado, as outras possibilidades que possam responder às suas necessidades.

Furtado, sobre este ponto, alerta para que «a diversificação numa lógica meramente financeira pode não ser a estratégia de maior sucesso» e explica que «a difusão de livrarias orientadas por géneros reduzem os custos de investigação» de um leitor e potencializam o «valor informativo duma visita e, progressivamente, «uma maior especialização aumenta o valor informativo dessa visita, quer para grandes quer para pequenos leitores.» (Furtado, 2000: 102)

### **conforto // atração**

Por haver atualmente muita oferta dentro da área da cultura e entretenimento, o livro em si já não chega e é agora essencial dinamizar e potenciar o mercado físico dos livros com a oferta de serviços complementares que dinamizem a livraria e a integrem no seu espaço envolvente.

É imprescindível que uma livraria crie e fidelize comunidades de leitores, através de uma agenda cultural diversificada, nomeadamente apresentações de livros, sessões de autógrafos, tertúlias, debates, sessões de poesia e cinema, animações infantis, *ateliers*, oficinas e workshops, assumindo assim o papel de foco cultural na sua zona de influência.

Divulgar os autores, artistas e ilustradores locais, procurar criar sinergias com outros espaços culturais, vai permitir divulgar a livraria junto de novos potenciais leitores e garantir a manutenção de uma agenda cultural ativa e diversificada.

A *Livraria Gato Vadio*, no Porto, mantém regularmente uma agenda ativa e eclética, que tem vindo a fidelizar os leitores e atrair novos públicos, que serve de casa a artistas, escritores e associações locais, nomeadamente a Escola da Fontinha.

Num mercado altamente competitivo, a livraria precisa de se assumir como um espaço de livros para leitores, mas garantindo, num ambiente cuidado, o prazer de estar. Se é verdade que é importante uma seleção criteriosa de livros, esta só se pode tornar uma vantagem competitiva se a livraria conseguir atrair primeiramente os clientes a entrar. A perda progressiva de leitores de algumas livrarias para as grandes superfícies também se deve, e em grande medida, à pouca capacidade atrativa destes espaços, muitas vezes com ambientes pouco convidativos, estruturas envelhecidas e com falta de serviços complementares que justifiquem o custo superior do livro perante o grande circuito.

Com consciência das dificuldades económicas e fragilidades das tesourarias de grande parte das livrarias independentes, elas podem porém oferecer um pequeno serviço de cafetaria, por exemplo, criando um espaço para o leitor poder estar e beber um café. Um pequeno espaço confortável, com um sofá que convide à leitura no interior da livraria, permite ao cliente folhear o livro ao seu próprio ritmo. Um bom exemplo desta prática encontra-se na *Utopia*, uma livraria do Porto, que apesar de ser um espaço pequeno e não ter café, providencia uma poltrona ao leitor e cria toda uma ambiência que o convida a sentar e a permanecer.

### **fidelização // técnicas de venda**

Devendo ter um serviço irrepreensível quer ao nível da venda e quer da pós-venda, as livrarias podem ainda aumentar as vendas recorrendo a programas e excelências, nomeadamente cartões de fidelização que garantam descontos e primazias ao leitor.

A *100ª Página*, uma livraria de Braga, garante vantagens aos clientes fidelizados em sessões de lançamento e apresentação de livros, em livros específicos selecionados antecipadamente pela livraria, ou até em ocasiões especiais como aniversários. Num processo informatizado, este cartão permite traçar o perfil do leitor pelas compras realizadas e criar uma comunicação direcionada, numa lógica de proximidade.

A *Poetria* por sua vez disponibiliza aos leitores “cabazes” de livros selecionados a um preço inferior ao que teriam se fossem comprados separadamente. Disponibilizar-se para encomendar rapidamente livros que não se encontrem em *stock* e fora dos circuitos das novidades, manter um horário flexível para permitir ao leitor ir à livraria nos seus tempos livres, nomeadamente à hora do almoço, são estratégias seguidas por esta mesma livraria para fidelizar o cliente. A preocupação em responder às necessidades dos seus leitores, leva a sua livreira a contrariar a dificuldade em adquirir determinados livros de grandes grupos comprando-os, por vezes, em cadeias livreiras e grandes operadores de distribuição para os revender, sem exigir margem comercial, ao leitor que o solicita.

## 2.3)4 Necessidade de reconversão

A internet é utilizada regularmente por mais de metade da população. De acordo com o já mencionado estudo sobre os hábitos de consumo *online* na Europa, divulgado em Portugal pela ACEPI<sup>36</sup>, cerca de 59% da população portuguesa já está conectada à internet, um milhão de portugueses acede à internet através de um telemóvel (11% dos utilizadores portugueses) e a maioria (75%) fá-lo várias vezes ao dia. Deste estudo, interessa salientar que os portugueses lideram no ranking da utilização das redes sociais, quer para fins pessoais quer para fins profissionais na Europa (95% Portugal, 81% Europa, 87% CEE), e ao nível das compras *online*: 97% dos utilizadores portugueses recorre à internet para pesquisar informação sobre os bens que pretende adquirir e 78% compra *online*.

Estes dados vêm comprovar a forma como a internet está a mudar os próprios hábitos de consumo dos portugueses.<sup>37</sup>

Como sabemos, o futuro do setor da publicação está indissociavelmente ligado ao digital. E, se nos países onde o avanço do formato eletrónico é uma realidade inquestionável, os editores discutem como se posicionar no centro da rede para acompanhar o fenómeno do «livro em rede» ou do «livro como software social», e se anuncia que o futuro das livrarias independentes passa por criar uma livraria virtual, em Portugal, a mudança de paradigma no setor da publicação está também a acontecer mas de forma mais lenta.

Saliente-se que os resultados das vendas do formato eletrónico demonstram existir mercado para o digital em Portugal<sup>38</sup>, sendo provável que o livro eletrónico comece a ser amplamente desenvolvido pelas editoras, assim que os trâmites legais e os condicionalismos tecnológicos sejam ultrapassados<sup>39</sup>.

---

36. Associação de Comércio Electrónico e da Publicidade Interativa

37. Informação disponível na plataforma virtual da ACEPI: *A Internet está a alterar profundamente os hábitos de consumo dos portugueses*, a 10-07-2012.

38. Os dois megagrupos já disponibilizam ao mesmo tempo o livro impresso e a versão eletrónica, comparativamente mais barata, e a Leya assume que 2011 “terminou com um número de downloads bastante acima do previsto, quer na loja Leya online, quer no site que se dirige essencialmente a quem tem sistema Android”. A Porto Editora, desde Janeiro de 2011 até junho de 2012, registou 1,3 milhões de *downloads* e conteúdos mobile. Informação retirada de *No mundo dos e-books em português*, Ípsilon, 15 Junho 2012.

39. Não foram resolvidas as questões relacionadas com os direitos de autor, direitos de imagem e IVA, nem se definiu um formato standard para o livro eletrónico, sendo necessário um enorme investimento por parte das editoras para serem comercializadas nas diferentes empresas/aparelhos (formato exclusivo Kindle para a Amazon, sistema operativo iOS exclusivo para a Apple na App Store, formato exclusivo para Nook na Barnes & Noble, etc.) Informação retirada de *No mundo dos e-books em português*, Ípsilon, 15 de junho de 2012.

A venda virtual, sendo vista como umas das estratégias mais nocivas da internet para o comércio livreiro, só vem confirmar a aparente comodidade e facilidade de acesso do público, permitida por um canal digital.

Contrariando os hábitos contemporâneos dos portugueses, é visível uma inadaptação das várias livrarias tradicionais em acompanhar e assumir o protagonismo informático da sociedade contemporânea, não utilizando ou servindo-se pouco das possibilidades tecnológicas como veículo para a venda - há até uma certa tecnofobia por parte de alguns livreiros<sup>40</sup>. É necessário aproveitar as oportunidades informáticas da atualidade e saber usá-las no conjunto complexo de circunstâncias económicas, sociais e culturais.

Revela-se, pois, mais acertado, perante a realidade, que a livraria independente assuma a importância do digital e aproveite a potencialidade das tecnologias como plataforma virtual, tanto para criar uma comunicação ativa e direcionada com o leitor, numa lógica de proximidade, como para possibilitar a compra e o pagamento *online*, acompanhando assim os novos hábitos de compra dos portugueses.

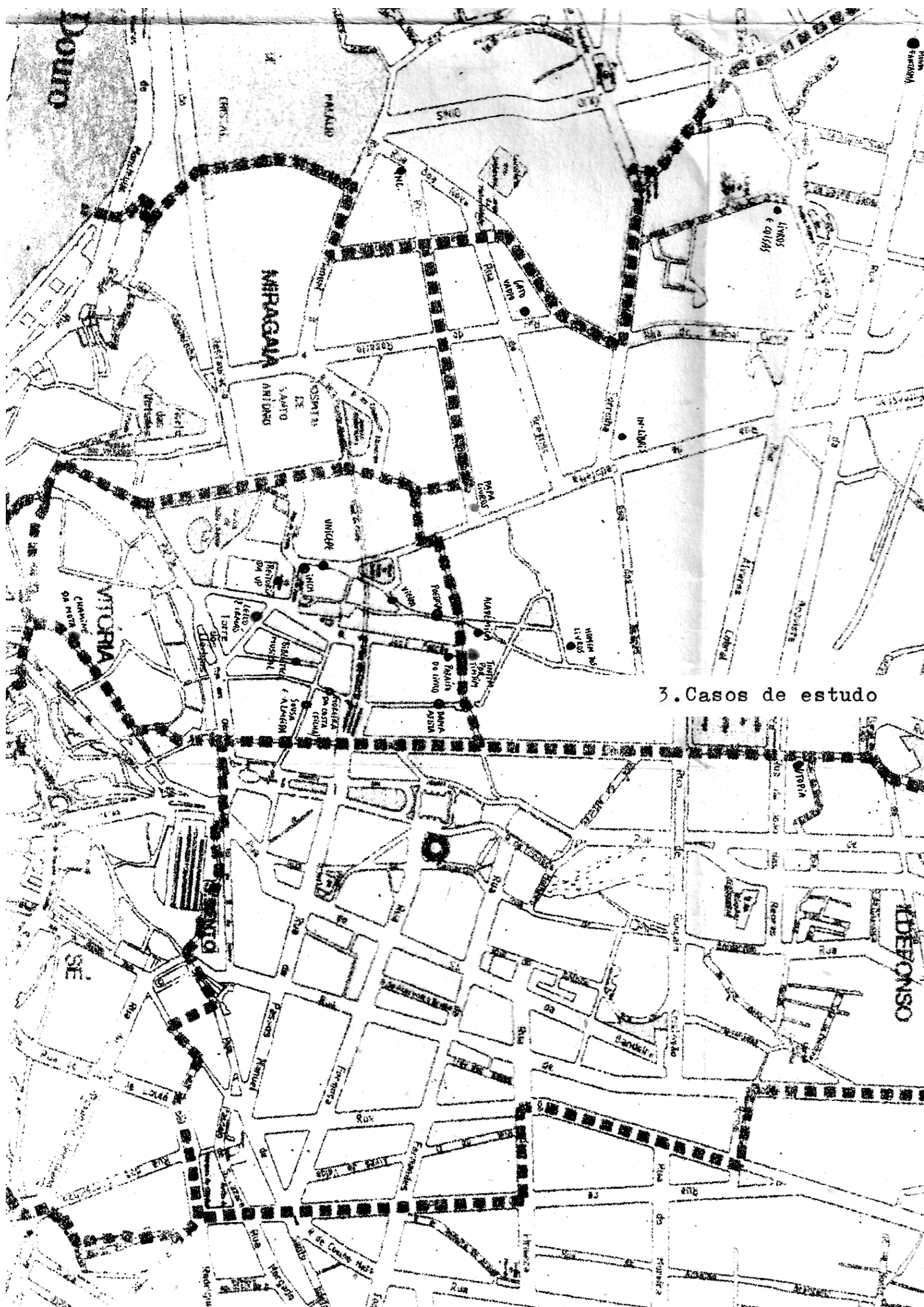
A livraria independente deve também aproveitar as redes sociais e a blogosfera para comunicar com o público-leitor e usar o correio eletrónico para o envio de mensagens personalizadas de acordo com necessidades do cliente.

É vital que uma livraria independente procure posicionar-se no centro da rede, para interagir em torno do conteúdo do livro, fornecendo, nas suas plataformas virtuais, materiais como entrevistas com os autores, *press releases*, resenhas, proporcionando debates e discussões que apelam aos seus leitores

---

40. Em "Nada de Cultura", no tema 'livrarias', Francisco José Viegas entrevista três livreiros portugueses e perante o tema do esboroamento das práticas de leitura na sociedade tecnológica, Caroline Tyssen, da Livraria Galileu, evidencia a total negação do protagonismo tecnológico na sociedade contemporânea, ignorando as mudanças sociais e culturais consequentes da era digital: «eu não vejo televisão, não tenho televisão por cabo, não tenho computador, não tenho internet, são decisões que as pessoas tomam porque querem continuar a ler, portanto, isto é só uma questão de educação, de boa ou de má educação», concluindo que «esta crise (económica) é boa porque as pessoas vão deixar de ter telemóvel e internet.»





### 3. Casos de estudo



Os projetos e casos existentes escolhidos como objeto de estudo influenciam diretamente a conceção do Projecto Parale//o. Divididos por subgrupos, os objetos de estudo presentes em cada grupo correspondem a diferentes pontos tidos em conta no desenvolvimento do projeto de comunicação.

O primeiro subgrupo corresponde ao estudo dos movimentos pró-livrarias independentes existentes em Portugal, concretamente na cidade do Porto.

O segundo subgrupo corresponde ao estudo das plataformas digitais, nomeadamente a plataforma que dá visibilidade ao movimento *Indie-Bound*, um movimentado levado a cabo para conter o declínio das livrarias independentes americanas, e a plataforma *Serving Library*, uma heteropatia proposta como sendo capaz de abarcar todos os protagonistas e agentes da publicação.

O terceiro grupo aborda dois roteiros que influenciam diretamente a produção e a distribuição do Projecto Parale//o, um roteiro que divulga as livrarias independentes de Londres, e um roteiro turístico da cidade do Porto.

### 3.1) Movimentos em prol das livrarias independentes no Porto

#### 3.1)1 *Bairro dos Livros*



Logótipo do *Bairro dos Livros*

O evento *Bairro dos Livros* arrancou oficialmente em Abril de 2012, no Porto. Com organização da Cooperativa *CulturePrint*, uma empresa de comunicação e imagem vocacionada para a cultura, tem como objetivo celebrar o livro e promover a leitura.

Ao segundo sábado de cada mês, um conjunto de diferentes atividades artísticas e ações culturais são realizadas no Porto, tendo como protagonista o livro e o objetivo de fomentar a leitura.

Na sua plataforma digital<sup>41</sup>, o *Bairro dos Livros* assume-se como um projeto de desenvolvimento de estratégias e ações conjuntas para:

- Divulgar o livro e a leitura com base no conceito "Ler com prazer livros todos os dias";
- Participar no fomento da dinâmica que vem surgindo nesta zona da cidade, com vista à captação, afluência e fidelização de novos públicos através de ações concertadas entre os livreiros e outro comércio tradicional aqui implantado.<sup>42</sup>

---

41. Disponível em <http://bairrodoslivros.wordpress.com/>

42. Informação retirada de <http://bairrodoslivros.wordpress.com/about/conta-me-uma-historia/>

No *press release* lançado na primeira edição, Inês Castanheira escreve que «numa altura em que a crise se faz sentir com grande impacto nas famílias, os livreiros sentem que é também seu dever (...) acarinhar os leitores com atividades culturais gratuitas».

Sempre com abordagens originais e temas diferentes em cada sessão, inúmeras ações artísticas - performances, concertos e animações musicais, intervenções de poesia, projeções de filmes, ateliers infantis, workshops -, decorrem no interior e no exterior das livrarias, nomeadamente em cafés, museus ou até mesmo em locais tão inesperados como táxis, e com resultados tão incomuns como elétricos apinhados de leitores a assistir, ao vivo e de noite, a intervenções poéticas.

O *Bairro dos Livros* desdobra-se em outros eventos que florescem e se ramificam tendo-o como alicerce. De três em três meses, transforma-se no *Festival do Livro*, uma festa que junta os livreiros e alfarrabistas da cidade numa programação cultural pensada para vários públicos. Está neste momento a expandir uma biblioteca no Hospital de Santo António do Porto, o mais perto da baixa da cidade, apelando à participação e colaboração da comunidade local para manter o seu objetivo e integra a iniciativa *Letras na Avenida*, uma feira de livreiros portuenses abordada na página seguinte.

### 3.1)2 Letras na Avenida



Imagem de Letras da Avenida a decorrer.

A iniciativa *Letras na Avenida* junta cinquenta expositores, maioritariamente pertencentes a livrarias independentes do Porto, contrariando a lógica das Grandes Feira do Livro constituídas essencialmente por editores.

Organizada pela Câmara Municipal do Porto, através da *PortoLazer* e do *Pelouro do Conhecimento*, em parceria com a *CulturePrint*, junta livros, livreiros, escritores, declamadores, artistas e leitores, num evento com uma duração de dezassete dias na Avenida dos Aliados. Cinema, performances, poesia, tertúlias, apresentações de livros, encontros com escritores, lançamentos, teatro, *spoken word*, *stand up poetry* e muitas outras propostas garantem uma grande afluência do público.

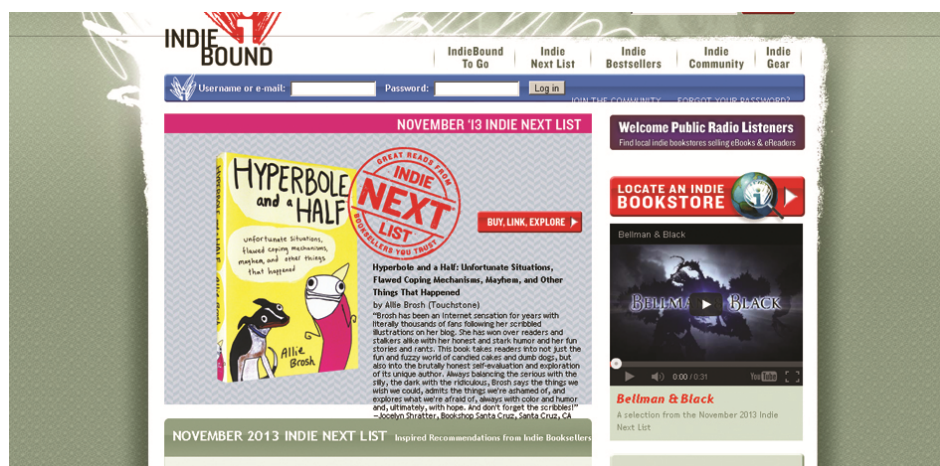
*Letras na Avenida* torna-se uma iniciativa extremamente importante por permitir ao livreiro um contacto direto com um potencial leitor, divulgando e apresentando as publicações que comercializa na sua livraria. Revela-se, portanto, uma feira importante para as livrarias independentes portuenses alargarem o seu público-alvo, expandindo-o e ultrapassando os limites da zona em que se insere a sua localização.

Estes dois eventos demonstram que a cidade do Porto tem uma certa predisposição para movimentos a favor das livrarias independentes. Tal

predisposição foi comprovada por Minês Castanheira, organizadora do *Bairro dos Livros*, quando abordada para este trabalho. Inserimos estes dois eventos como caso de estudo por representarem a possibilidade do Projecto Parale//o ser futuramente implementado. Comprovam que, com persistência, se consegue implementar um projeto e garantir a sua continuidade.

### 3.2) Plataformas digitais

#### 3.2)1 Indie Bound



Printscreen da plataforma digital do Indie Bound.

O *Indie Bound* é um movimento levado a cabo pela Associação Americana de Livreiros (American Bookseller Association), iniciado por alguns dos livreiros independentes que o integram. Criado em 2008, com o nome de *Book Sense Program*, surge para apoiar as livrarias independentes e contrariar o fenómeno de encerramento das livrarias americanas, que competem neste país com a gigante *Amazon*. O movimento constrói sinergias entre os diferentes negócios tradicionais procurando que as economias locais e as comunidades respetivas prosperem.

O *Indie Bound* materializa-se sob a forma de uma plataforma digital<sup>43</sup> que agrega inúmeras livrarias independentes do país e diferentes negócios de comércio tradicional. Com o objetivo de ajudar as pessoas do país a encontrar, apoiar e aconselhar as diferentes lojas locais para fortalecer o comércio tradicional local, revela-se uma ferramenta poderosa para garantir um levantamento, constantemente

43. *Indie Bound* disponível em <http://www.indiebound.org/>

atualizado, das livrarias existentes no país, permitindo delimitar os espaços existentes em determinada região ou localidade.

A seleção e hierarquização dos conteúdos, a organização e estrutura da plataforma digital, assim como o discurso conciso e direto com o público-alvo influenciam o Projecto Parale//o, uma influencia particularmente visível na plataforma digital RLIP.

No site da organização são apresentados os diversos suportes de design comunicativos que divulgam, publicitam e suportam o movimento. Autocolantes, marcadores de livros, botões, cartazes e postais são oferecidos gratuitamente nas livrarias independentes para publicitar o movimento. Mais do que publicitar o movimento, propiciam a entrada dos leitores nas livrarias independentes que o integram, logo potencializam uma venda. Acessórios e miudezas são criados para suportarem, com o lucro gerado, os custos envolvidos na manutenção e logística do movimento.



Exemplos de propostas de cartazes comunicativos divulgados na plataforma digital

O *Indie Bound* assume-se como uma plataforma de interação e mediação entre o leitor e as livrarias independentes. O utilizador /leitor requisita um determinado título *online* e é encaminhado para uma livraria independente que o tenha disponível ou que se prontifique a o tornar disponível, nos limites da zona em que o leitor se

pretende movimentar. A opção de relembrar o utilizador das suas escolhas revela-se uma boa estratégia para fidelizar e potencializar uma revisita à livraria independente.

Os livreiros independentes assumem o seu papel de mediadores culturais e tornam-se críticos. Avaliam as publicações existentes no mercado, nomeando os seus livros de eleição, entre os diferentes títulos disponíveis nas suas livrarias. Esta votação, disponibilizada *online* sob o nome de *Indie List & Bestsellers*, permite dar a conhecer ao leitor, através das críticas de livreiros especializados e competentes, o que circula no mercado.

Os passos e mecanismos necessários para que as livrarias independentes e outros comerciantes tradicionais integrem o movimento são indicados e permitidos pela própria plataforma. É dada ênfase à importância de os livreiros e comerciantes que pretendam integrar o movimento disponibilizarem os conteúdos de um modo apelativo ao consumidor. Aconselham a seleccionar criteriosamente os conteúdos e imagens enviadas para a plataforma para apresentar atrativamente o conceito do espaço em questão, assim como informações que garantam ao potencial cliente descobrir e encontrar, com facilidade, a localização concreta.

### 3.2)2 *Serving Library*

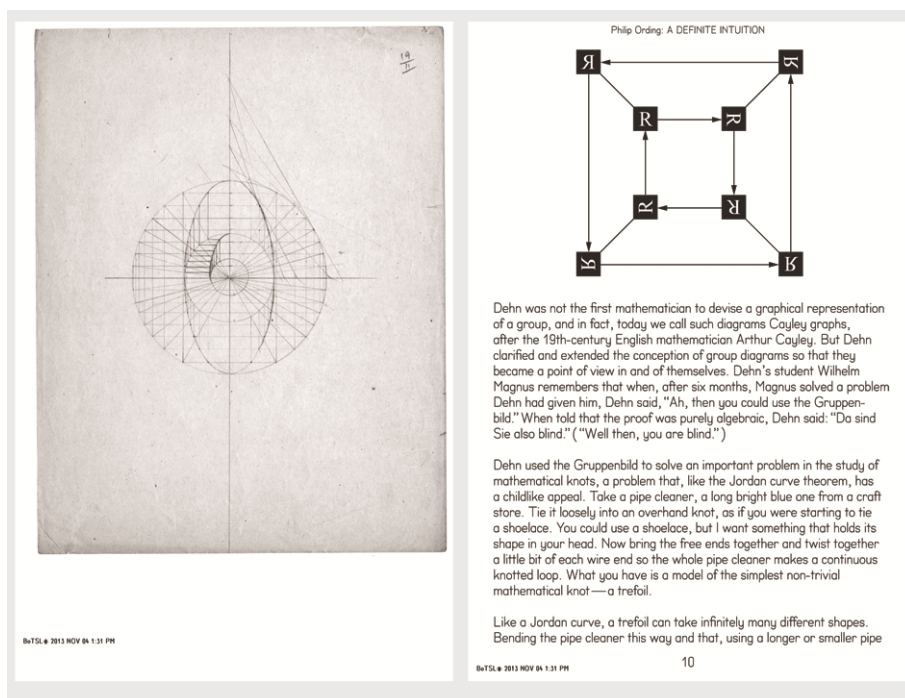
O *Serving Library*<sup>44</sup> é uma plataforma criada pelos Dexter Sinister (David Reinfurt & Stuart Bailey) proposta como sendo capaz de abarcar todas as atividades da publicação independente, agregando uma biblioteca, publicações, *workshops* e curadorias da área. Reúne e envolve na mesma plataforma inúmeros micro-projetos, físicos ou virtuais, associados ao campo expandido da arte e do design de comunicação, diretamente ligados ao universo da publicação.

O objetivo deste projeto é permitir que uma comunidade diversificada de designers, artistas, escritores, investigadores reflita sobre a publicação contemporânea de forma proativa e produtiva, garantindo no espaço virtual os materiais e artigos que motivem essa reflexão.

---

44. *Serving Library*, disponível em <http://servinglibrary.org/>





Exemplo de um dos muitos artigos disponibilizados na plataforma digital

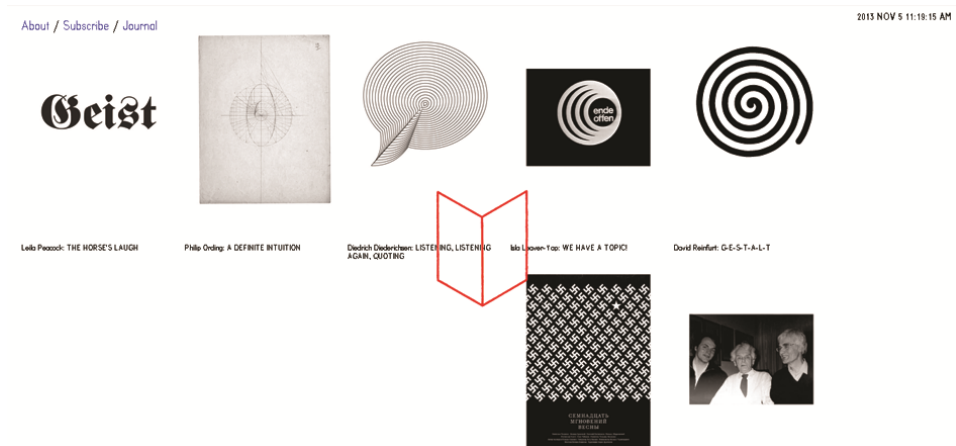
Esta plataforma disponibiliza uma coletânea de textos compostos pela cooperação entre artistas e escritores. Os conteúdos são publicados e disponibilizados em formato digital para *download* gratuito no *website* que funciona como uma espécie de arquivo público do Portable Document Format (PDF), uma revista trimestral impressa que compila uma fração do fluxo da informação disponibilizada gratuitamente *online* no site da plataforma [www.dextersinister.org](http://www.dextersinister.org). Os conteúdos são compilados e abordados numa primeira parte da revista, e uma seleção de provas de impressão litográfica, trabalhadas individualmente, integram a segunda parte com o nome de *Bulletins of The Serving Library*.



Modelo da *Serving Library*<sup>45</sup>

---

45. Imagem retirada de <http://kunstverein.nl/2010/05/dexter-sinister-a-model-of-the-serving-library/>

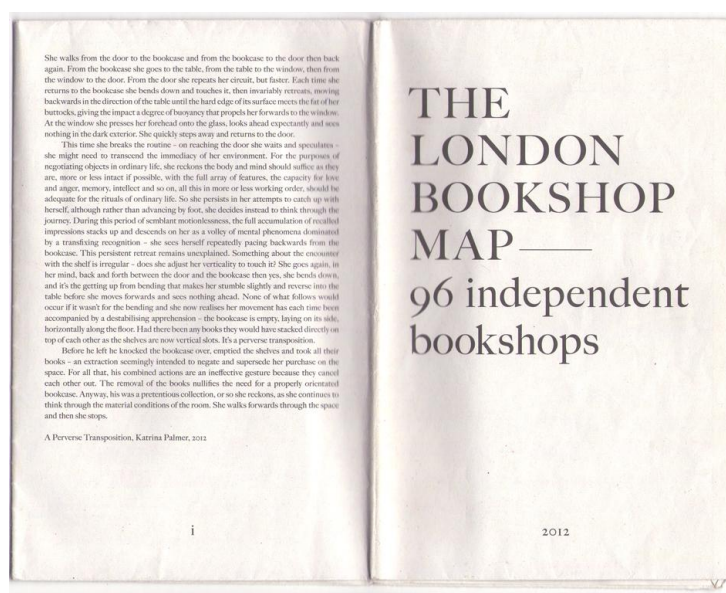


Printscreen da página inicial do site *The Serving Library*.

O *Serving Library* influenciou a estética da plataforma do Projecto Parale//o e a maneira como os diversos conteúdos são disponibilizados ao utilizador para download gratuito. A organização dos conteúdos e a forma como os textos de apresentação do projeto são progressivamente apresentados ao utilizador pretender aprofundar a leitura sobre o *Serving Library* vão ser tomados como exemplo na plataforma digital do Projecto Parale//o.

### 3.3) Roteiros

#### 3.3)1 *The London Independent Bookshop Map*, 2012



Digitalização da capa e contracapa de *Map*.

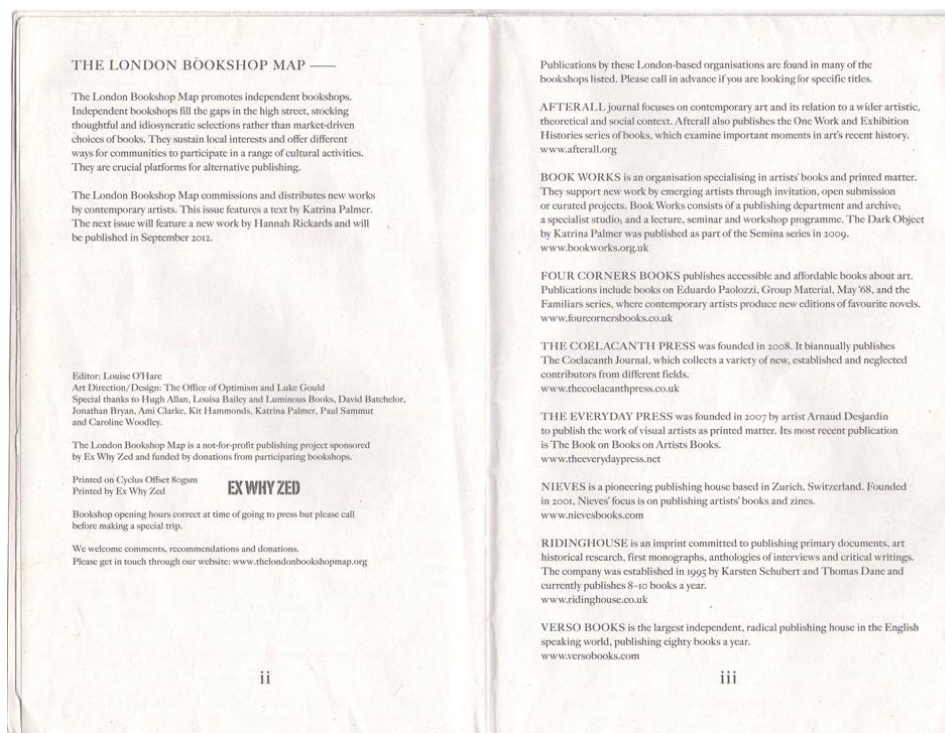
*The London Bookshop Map* foi fundado em 2011 por Louise O'Hare com o objetivo de apoiar a diversidade de publicações e livrarias independentes, e comissariar e distribuir originais de artistas contemporâneos. O roteiro é impresso e atualizado anualmente, e os conteúdos disponibilizados numa plataforma virtual<sup>46</sup>. O utilizador pode inscrever numa *mailing list* mantendo-se atualizado do que circula no mercado.

*The London Bookshop Map* divulga e promove as livrarias independentes de Londres, enfatizando a sua importância enquanto plataformas cruciais para a publicação alternativa. Sem fins comerciais, é suportado pelas diferentes livrarias independentes que integram a plataforma e o roteiro impresso, impressão que é patrocinada e levada a cabo por uma gráfica diferente em cada número. Distribuído

<sup>46</sup> Plataforma disponível em [www.thelondonbookshopmap.org](http://www.thelondonbookshopmap.org)

gratuitamente ao público nas livrarias independentes participantes, o roteiro impresso divulga publicações e organizações intimamente ligadas com o universo da publicação independente sediadas em Londres.

A linguagem concisa e perceptível influencia diretamente o *Roteiro de Edição Alternativa do Porto*, a plaquette informativa do Projecto Parale//o.



Digitalização das páginas com informações diretamente ligadas ao universo da publicação.

### 3.3)2 Use-It Porto



Printscreen da página inicial do site *Use-It Porto*<sup>47</sup>

*Use-It* é uma organização sem fins lucrativos que se concentra na criação de mapas e roteiros das grandes cidades europeias, com o objetivo de responder e corresponder às necessidades dos viajantes mais jovens. Uma rede de mapas foi criada a custo zero, para o jovem turista, numa linguagem informal. Os mapas *Use-it* existem em mais de 20 cidades europeias e são a materialização de um mapa local com conteúdos fornecidos e redigidos por habitantes locais das cidades e grafismo feito por voluntários.

O *Use-It Porto*, um projeto desenvolvido pela Calote Esférica, é distribuído gratuitamente na sua versão impressa em vários locais da cidade, principalmente em hostels e pontos de turismo, e é ainda disponibilizado em PDF na sua plataforma digital.

<sup>47</sup> Projeto disponível em <http://www.porto.use-it.travel/>

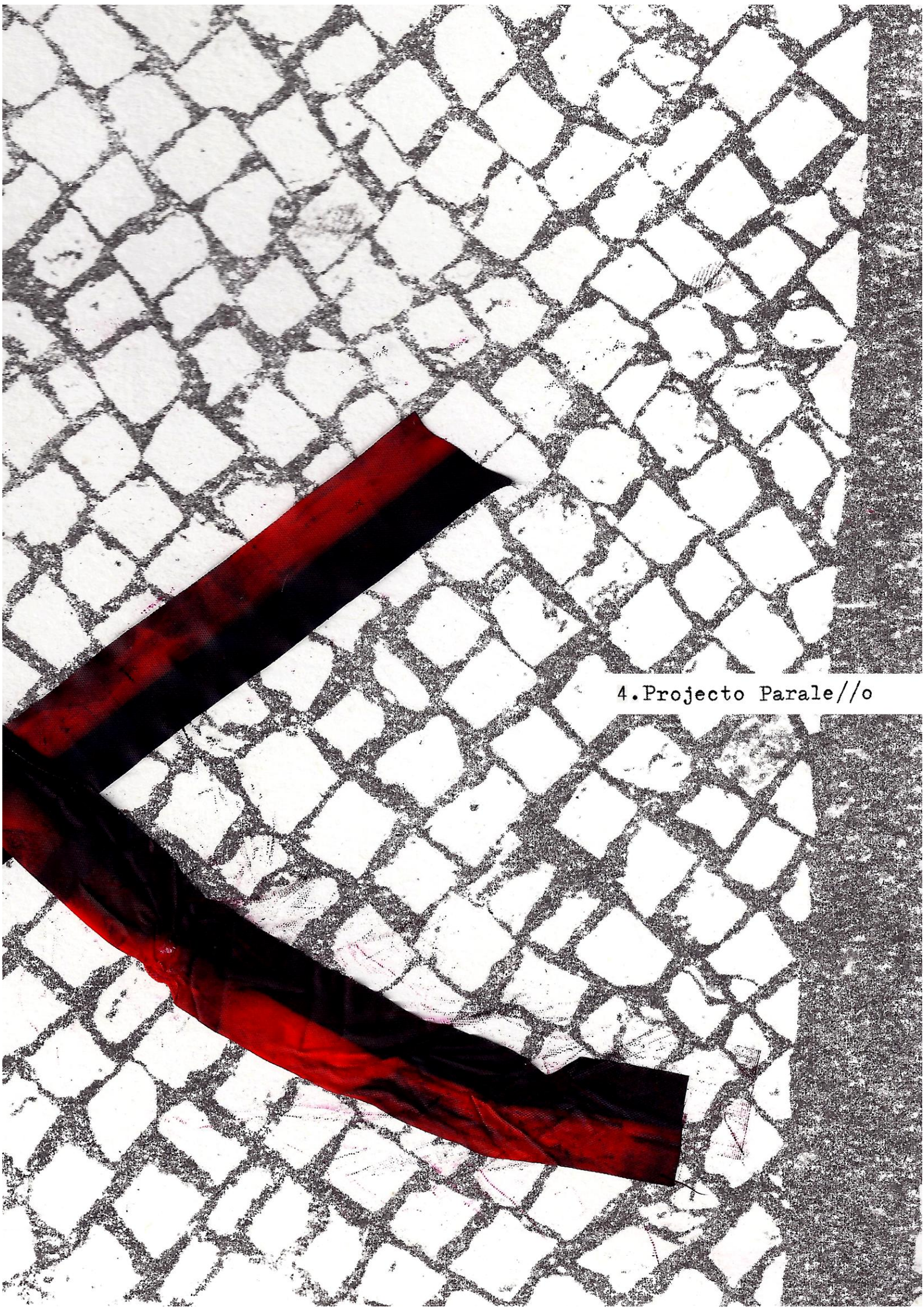




Páginas do PDF preparado para impressão disponibilizado na plataforma virtual

O PDF do mapa é preparado para diferentes formatos (full map, formato A4 e formato A3), de acordo com as preferências ou possibilidades tecnológicas de impressão do utilizador. O ficheiro, em formato vetorial, permite a partir do programa Illustrator alterar e redimensionar o mapa e alterar as cores. Os conteúdos vêm agrupados, possibilitando com alguma facilidade apagar informações sobre uma determinada temática. Esta possibilidade vai ser permitida pela plataforma digital que integra o Projecto Parale//o, sendo no entanto ampliada a possibilidade de manipulação e edição pelo utilizador na construção do seu roteiro.





4. Projecto Parale//o



*Paralelo*, Adj. (gr. parálēllos, lat. Paralellu).

Linhas paralelas, as que estão situadas num mesmo plano e que não têm ponto algum comum. (V. Quad. Linhas). Planos paralelos, os que não têm ponto algum comum. Curvas paralelas, curvas equidistantes uma da outra em toda a sua extensão. Fig. **Diz-se de duas ou mais coisas que andam ou progridem a par.** Análogo, semelhante. S. M. Círculo paralelo ao equador. Literat. Escrito, discurso, que mostra as semelhanças ou as diferenças entre duas pessoas ou coisas. Fig. Comparação, confronto. Pôr em paralelo, comparar.

(*Dicionário Prático Ilustrado*, 1964)

Paralelo identifica o movimento e o circuito da publicação em que se move e atua. Pode ter uma associação urbana, o paralelo, enquanto um pavimento presente na via pública, gerador de percursos e de Identidade. Transmite o conceito e as diferentes fases do processo de produção, o próprio deambular pela publicação diferenciada.

Antes de tudo, o conteúdo que se pretende comunicar, descoberto no texto em si, no grafismo, no próprio processo. Visível como no conteúdo que se divulga está intrínseca uma ideologia cultural, identificável no seu meio e que motiva o seu grafismo. Ao fascínio pelo textual junta-se o prazer do querer fazer, e de querer fazê-lo manualmente, e em grande dimensão para assegurar uma vertente expositiva. O Projecto Parale//o pressupõe o reconhecimento dos seus signos, contidos no universo icónico e simbólico da publicação, pelo público-alvo.

O grafismo não se preocupa apenas com a aparência superficial dos conteúdos, mas também em transmitir um conceito. Os processos de produção e impressão assumem-se coerentes com a matéria temática e são utilizados para exprimir um conceito. A linguagem e o vocabulário visual são fortemente influenciados pela natureza dos conteúdos que são divulgados, num *design* expressivo que utiliza métodos de impressão tradicionais e evoca um conceito de publicação clandestina.

O Projecto Parale//o desenvolve-se numa série de acontecimentos circunstanciais que influenciam o seu processo de produção. Alguns aspetos tiveram particular importância, nomeadamente a distribuição e a sua (re)produção. O lado experimental levou a procurar novos materiais e a experimentar técnicas alternativas de impressão, diferentes possibilidades que criaram diferentes discursos estéticos e permitiram o tempo de maturação necessário para se sentir confortavelmente seguro com o resultado da sua materialização.

#### 4.1) A livraria como ponto de partida

«Entre o espaço que é a livraria e o livro como objeto comercial privilegiado por se tratar de um objecto cultural, situam-se os outros protagonistas desta história: o que vende e o que compra. Comprar pode ser, neste caso, um acto de cultura, e o mesmo podemos dizer do acto de vender. Entre quem vende e quem compra podem ser criados laços de convívio e mesmo de amizade que explicam, em parte, a singularidade desta profissão e deste negócio.» (Porto, 1994:33)

A seleção dos espaços que se divulgam junto do público-alvo como espaços cruciais para a publicação alternativa precede uma análise extensiva a livrarias independentes de Portugal que, através da construção de diferentes sinergias, procuravam fazer frente à massificação das grandes superfícies e distanciar-se das livrarias tradicionais.<sup>48</sup> Ainda numa fase inicial, algumas livrarias seleccionadas como objeto' de estudo fecharam, uma metamorfoseou-se em associação, outra mudou de cidade, uma outra de país. Um contratempo que, além de tornar inviável a continuação do projeto inicial, originou uma análise aprofundada do fenómeno de encerramento das livrarias independentes em Portugal. Esta análise motivou, por sua vez, o carácter interventivo do Projecto Paralel//o.

A escolha livraria independente como objeto' de estudo, estudar um fenómeno para evidenciar a importância destes espaços num setor cultural, permitiu adquirir uma visão panorâmica do mercado e circuito independente do setor da publicação.

Deambular pelo circuito comercial alternativo da publicação, recorrer a fontes manuseáveis e subjetivas, mas competentes e especializadas, para descobrir esse mesmo circuito permitiu desenvolver discursos, colocar questões, criar debates, estabelecer cumplicidades. Cumplicidades que influenciam diretamente os diferentes meios de divulgação que surgem do projeto de comunicação.

#### 4.1)1 O critério de seleção dos espaços

O critério de seleção dos espaços que se divulgam no roteiro impresso obedece a três parâmetros iniciais:

- demonstrar o interesse por publicações impressas, palpáveis e valorizar essas publicações tanto em termos de qualidade e relevância literária como em termos de qualidade gráfica
- permitir um lugar de visibilidade a pequenas e micro-editoras independentes.
- assumir-se como um espaço representativo de um nicho específico de mercado.

---

48. Este estudo integrava um projeto anterior com o título *Páginas Soltas – um guia de livrarias (e ideias) alternativas em Portugal*. Recorrendo aos exemplos vivos que pareciam contrariar a visão catastrofista e o fim do pequeno comércio livreiro, este projeto anterior pretendia refletir sobre a viabilidade de fazer frente à massificação das grandes superfícies e dos grandes grupos editoriais.

Segue a listagem inicial das livrarias que pareciam responder a estes requisitos no Porto:

- Galeria Dama Aflita
- Gesto
- Inc. – Livros e Edição de Autor
- Livraria Candelabro
- Livraria de Serralves
- Livraria Fernando Machado
- Livraria Gato Vadio
- Loja de História Natural
- Livraria Index
- Livraria Labirinto
- Livraria Mundo Fantasma
- Livraria Papa Livros
- Livraria Poetria XXI
- Livraria Rés- Editora e Cultura
- Livraria Salta Folhinhas
- Livraria Utopia

Os espaços listados foram alvo de uma visita física e/ou virtual para um primeiro conhecimento do conceito e propósitos de cada um em particular. Esta listagem inicial foi sendo progressivamente reduzida até se centrar nos espaços que se evidenciam como os mais representativos de determinado estilo, género e/ou tipologia de publicação. Os espaços que se pretendem divulgar junto do público-alvo na plaquette informativa REIP são locais que divulgam publicação alternativa ao circuito comercial, representativos de diferentes nichos de mercado. Os espaços escolhidos para serem divulgados são os seguintes:

- Galeria Dama Aflita
- Inc- Livros e Edições de Autor
- Livraria Gato Vadio
- Livraria Mundo Fantasma
- Livraria Poetria XXI
- Livraria Utopia

As livrarias independentes escolhidas para integrar a *Residência do Livro Independente no Porto*, têm como ponto de partida uma listagem adquirida por pedido à *Direção-Geral do Livro e das Bibliotecas*<sup>49</sup>, listagem complementada com três levantamentos distintos, levantamentos que se cruzam ou não e que surgem ao longo do estudo gradualmente.

Descobre-se *Livrarias e Livreiros Portuenses – 1945-1994 – Histórias Portuenses*<sup>50</sup>, uma obra escrita por Carlos Porto e publicada pela Livraria Académica

---

49. <http://www.dlgb.pt>

50. Carlos Porto apresenta nesta obra espaços e evoca a importância cultural destes no Porto. As livrarias compiladas nesta obra distinguiram-se na “tarefa de acessibilizar o livro como objeto cultural” e no desenvolvimento de atividades culturais paralelas como organização de sessões de lançamento de livros, sessões de autógrafos, debates no espaço próprio ou em espaços exógenos. Esta obra aborda de passagem alguns alfarrabistas da cidade, «sinais indistiguíveis no mapa livreiro do Porto», mapa que possui, segundo o autor, «um conjunto excelente tanto no que se concerne à qualidade dos fundos existentes como ao conhecimento do ofício e afabilidade na receção dos seus responsáveis». (Porto, 1994:85) Segue-se a listagem das diferentes livrarias e alfarrabistas que integram a obra:

em 1994. Livreiro da Livraria Académica, no Porto, o autor apresenta algumas livrarias do Porto, evidenciando a sua importância cultural, e aborda de passagem alguns alfarrabistas do Porto. O destaque dado por Carlos Porto a alguns alfarrabistas do Porto, profissão reconhecida no mundo das Letras e da Cultura, levou a querer incluir algumas Livrarias alfarrabistas da cidade,

Escolhe-se *O Tripeiro*, a revista icónica e centenária mais emblemática da cidade do Porto, para seleccionar os alfarrabistas mais emblemáticos do Porto, analisando uma rubrica publicada em 1993 intitulada *Alfarrabistas do Porto*<sup>51</sup>. Por último, estuda-se as livrarias e alfarrabistas que integram o movimento *Bairro dos Livros*<sup>52</sup>, movimento que merece, no atual contexto, um destaque.

Este levantamento permitiu descobrir que algumas livrarias fecharam por declínio, algumas reabriram com um novo conceito, outras perderam o dinamismo cultural de outrora, outras estão integradas em estruturas mais alargadas de distribuição e deixaram de ser independentes. As livrarias integradas na *Residência do Livro Independente no Porto* surgem de um crivo a este levantamento com os critérios definidos anteriormente para a plaquette informativa REIP.

## 4.2) Os métodos de produção

O método de produção passa obrigatoriamente pela manufatura. A ilustração do mapa é feita a caneta sakura, os textos redigidos numa máquina de dactilografia, a impressão de imagens feita com recurso a xileno<sup>53</sup>. Os diferentes conteúdos foram trabalhados individualmente e posteriormente tratados com recurso a programas de edição e manipulação de imagem. A vantagem de tratar graficamente as imagens, de

---

Latina; Portugália (fechada por declínio); Livraria Internacional (entra em declínio – hoje funciona como armazém); Livraria Figueirinhas; Unicepe; Livraria Moreira; Livraria Tavares Martins; Livraria Fernando Machado; Livraria Lello & Irmão; Livraria Científico Médica; Livraria Educação Nacional; Livraria Sousa e Almeida; Livraria Moreira da Costa; Livraria Oiro do dia; Livraria Casa do livro; Imprensa Nacional Casa da Moeda; Livraria Académica; Livraria Vieira; Livraria Utopia; Livraria Britânica; Livraria Galaica; Livraria Leitura; Livraria Almedina; Livraria Lopes da Silva; Livraria Nelita; Livraria dos Lóios; Livraria Manuel Ferreira; Livraria Chaminé da Mota.

51. Segue-se a listagem dos alfarrabistas seleccionados dos diferentes números da revista *O Tripeiro*: Livraria Académica (Livros antiquários); Livraria Manuel Ferreira; Livraria Moreira da Costa; Livraria Chaminé da Mota; Livraria Esquina.

52. Segue-se a listagem das livrarias e alfarrabistas que integram o movimento organizado pela CulturePrint: Académica; Alfarrabista Manuel Ferreira; Biblioteca Musical; Homem dos livros; Imprensa Nacional Casa da Moeda; In Libris; Livros e Coisas; Lumiere; Moreira da Costa; Paraíso do Livro; Poetria; Reitoria da U.P.; Sousa & Almeida; Unicepe; Utopia; Vieira.

53. Xileno C<sub>6</sub>H<sub>4</sub>(CH<sub>3</sub>)<sub>2</sub> - hidrocarbonato aromático da serie benzénica, de formula C<sub>6</sub>H<sub>4</sub>(CH<sub>3</sub>)<sub>2</sub>, que se extrai da hulha e do qual se conhecem 3 isómeros. Do grego *xylon*, “madeira” + *eno*.

corrigir imperfeições e simular resultados sem ser necessário utilizar a maquete original, leva ao seu uso como ferramenta de simulação e compilação de conteúdos, sendo particularmente importante o programa Adobe Photoshop e o AutoCad.

Se alguns erros não espelham mais do que a dificuldade do processo e manufatura - a dificuldade de imprimir com recurso ao xileno; o tentar ilustrar uma linha rigorosa, geométrica, à mão levantada- outros assumem-se com naturalidade como próprios das fragilidades do processo produtivo.

O não controlar plenamente a mancha, devido ao comportamento inesperado do reagente xileno, a passividade do próprio *acto* de escrever à máquina datilográfica, originam irregularidades. Carateres demasiadamente carregados ou quase inexistentes no texto, zonas que se revelam mais demarcadas ou linhas inexistentes no mapa, são assumidos como integrantes do próprio projeto, como identidade gráfica, representativa do próprio processo.

#### **4.3) Os métodos de impressão**

Inicialmente, este projeto pretendia usar métodos de impressão totalmente artesanais. Linóleo, carimbagem, prensa, serigrafia, composição tipográfica, revelaram-se formas inacessíveis de impressão, por se apresentarem demasiado dispendiosas.

Recorreu-se ao xileno, um químico reagente que permite a transferência de uma imagem impressa para um outro suporte desde que relativamente poroso. Um método de impressão alternativo que permite que uma imagem, impressa invertida, seja transferida através do decalque por um pedaço de pano ou algodão humedecido no reagente. O resultado visual deste método de impressão alternativo remete-nos para os jornais policopiados, técnica fundamental na história da imprensa clandestina em Portugal.

A técnica do xileno revela-se um processo moroso e difícil. A decisão de trabalhar em grande escala para garantir uma vertente expositiva, exige a composição duma imagem por “módulos” e obriga a um rigor científico para garantir a uniformidade e conformidade da mancha, rigor muitas vezes dificultado pelo comportamento inesperado do reagente.

A dificuldade de controlar a mancha resulta em falhas de transferência da tinta. Variantes como a pressão no decalque, quantidade de reagente contido no pano ou algodão, texturas e gramagens da folha alteram por completo o resultado da impressão. A mancha de tinta torna-se facilmente irregular, desbotada ou esborratada e a própria agressividade do reagente enquanto produto químico, poluente, agressivo e abrasivo, dificultou a sua aplicação.

A mancha, o ruído transmitido por essa mancha, é assumido pelo seu aspeto que evoca o grafismo de publicações marginais, subversivas, feitas com técnicas de impressão artesanais, presentes em alguns dos locais que se divulgam no projeto.

#### **4.4) Diferentes meios – diferentes formas**

Procuram-se nos diferentes meios de divulgação criar uma identidade gráfica, um discurso visual que garanta o reconhecimento do Projecto Parale//o em cada um dos veículos de divulgação, aproveitando as especificidades de cada suporte. Os diferentes meios fundem-se numa ideia abrangente, em vez de permanecerem distintos, e testemunham a manufatura e o experimentalismo de um projeto de comunicação que assume um âmbito essencialmente cultural.

O *Roteiro de Edição Independente do Porto* leva o público a expandir-se através de um livro, aconselhando os locais que se assumem como os mais representativos de diferentes tipos e géneros de publicação alternativa à massificada. Condensa a informação ao essencial, um processo que implica uma edição cuidadosa e por vezes difícil por ser limitativa, mas mantém a capacidade de contar uma história pela forma como divulga essa informação.

Dirige-se a qualquer indivíduo com interesse particular por publicação diferenciada e procura provocar a curiosidade a quem desconhece essa publicação, inquietá-lo para levá-lo a descobrir um percurso, predefinido pelo universo da publicação diferenciada.

O público com uma maior predisposição a tomar parte nesta experiência e a procurar os lugares divulgados será aquele com uma maior sensibilidade para o livro, e que tem, por norma, um gosto por áreas artísticas e literárias.

A *Residência do Livro Independente no Porto*, uma plataforma digital que agrega projetos que dão visibilidade e que viabilizam a publicação independente palpável,

procura manter a coerência gráfica com o REIP, criado primeiramente. A vantagem de não ter as limitações de espaço inerentes ao papel permite não só divulgar os diferentes espaços alternativos ao circuito comercial mas também os títulos que aí se encontram. Mais do que apresentar o espaço físico e respetivas publicações, a RLIP procura criar dinâmicas e discussões em torno da publicação independente, analisada e criticada por quem a vende e divulga, e criar mecanismos intuitivos que consigam responder e corresponder às necessidades do utilizador.

A plataforma digital acopla inúmeros projetos, comerciais ou culturais, diretamente relacionados com o universo da edição, estando aberta à receção de novos conteúdos, criados ou fornecidos pelos seus utilizadores, que podem contribuir para a manutenção de uma plataforma *in progress*. No fundo, a Residência do Livro Independente no Porto propõe-se fundar, organizar e divulgar um núcleo de informação específica para qualquer interessado por edição diferenciada, criando os mecanismos para garantir um local constantemente atualizado com novos conteúdos. Ao evocar a participação de novos valores artísticos e literários, pretende garantir tanto os conteúdos necessários à sua permanente evolução e especialização, como expandir gradualmente o seu público-alvo, fomentando o interesse e participação.

## 4.5) O Conteúdo

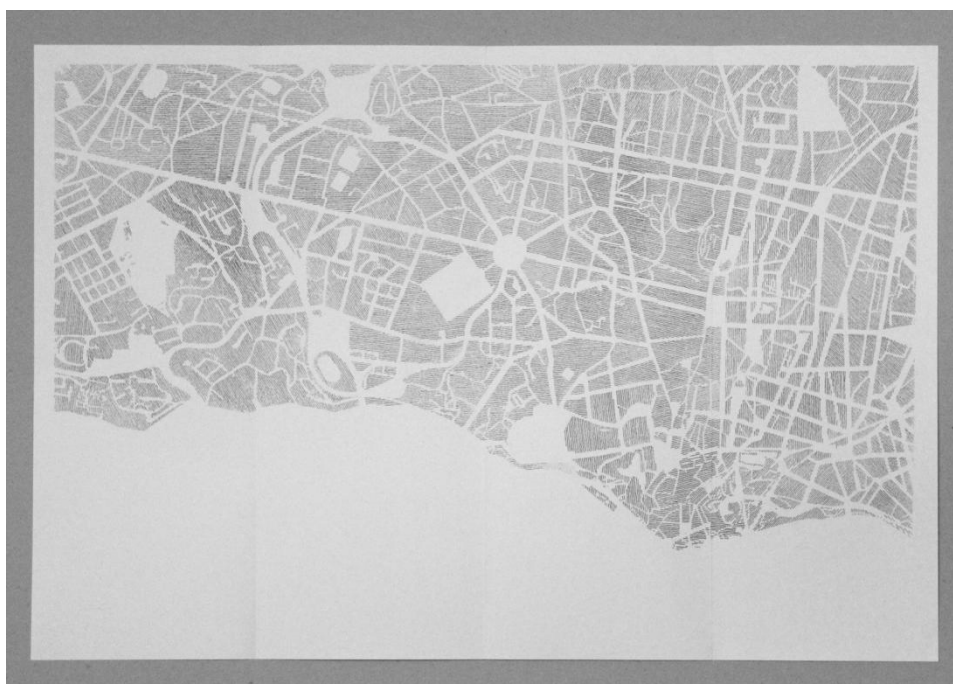
### 4.5)1 O Mapa

Um dos elementos gráficos principais do Projecto Parale//o é o mapa. Ele contextualiza espacialmente os sítios que divulgam a publicação independente no tecido urbano da cidade, os conteúdos para ajudar quem tem um interesse por publicação diferenciada e informação útil para quem pretenda criar e ou publicar os seus próprios títulos. É a partir deste que se conhece e reconhece a cidade, os diferentes percursos possíveis, e se localizam os espaços e respetivas publicações.

Para garantir a fidelidade do território em estudo, nomeadamente a nível do sistema viário, da edificação e das próprias delimitações das freguesias, recorreu-se a uma planta fidedigna adquirida no Arquivo Municipal da Cidade, na escala 1:20000. Este mapa, disponibilizado digitalmente no portal de informação geográfica, na



plataforma da Câmara Municipal do Porto, permite ampliar a escala até ser possível identificar, com uma visualização aproximada, um quarteirão específico e as próprias áreas de construção dos diferentes edifícios da cidade. O portal da informação geográfica *Mip-Web* foi utilizado para a correta localização dos espaços relevantes, de modo a garantir a localização de um espaço concreto no quarteirão onde se situa. Um mapa informativo deve seguir um conjunto de regras para que se torne num elemento prático. Deve ser claro e limpo, conter as informações essenciais, criando os pontos de orientação de modo a proporcionar uma leitura intuitiva.



O mapa do Projecto Parale//o resulta de um processo de limpeza de informação em que se omite propositadamente a informação desnecessária. Condensa-se a informação, reduzindo-a ao estritamente essencial, mantendo, no entanto, reconhecível a cidade do Porto. A simplificação levada ao extremo torna-se a própria solução para evidenciar os pontos que são verdadeiramente importantes.

A dimensão da ilustração garante-lhe o carácter expositivo e os diferentes tamanhos executados permitem uma posterior aplicação em variados suportes de comunicação, divulgação e ou comercialização, garantindo a sua legibilidade

O mapa resulta de uma ilustração à mão levantada de uma imagem vetorizada. Impresso, numa dimensão aproximada de 80 cm por 54,5 cm, é decalcado através de

uma mesa de luz. A ilustração foi digitalizada numa topografia, redimensionada para ser impressa com recurso ao reagente xileno, num tamanho de 61 cm por 41,55 cm.

O mapa presente na plataforma digital resulta numa ilustração em menor escala, para garantir uma maior legibilidade da linha. O mesmo processo é efetuado numa dimensão aproximada de 39 cm por 26,5 cm.

### *O padrão*

Os diferentes locais que se divulgam e referenciam no REIP e pretendem integrar no RLIP, estão dispersos pelo Porto, concentrados em zonas específicas, mas com vários pontos de descentralização. Estes pontos, descobertos gradualmente, exigiram um constante redimensionamento da área abrangida para ilustração.

A área da atuação insere-se em treze freguesias da cidade do Porto, freguesias que vão ser diferenciadas para serem usadas como referência espacial.

O padrão surge da necessidade de distinguir as freguesias para facilitar uma possível necessidade de organização dos conteúdos, partindo, desde o início, do pressuposto que novos conteúdos vão ser progressivamente acoplados na plataforma digital.

A questão que se levantou inicialmente seria se a informação deveria estar organizada de acordo com os diferentes tipos, géneros e estilos de publicação ou se por zonas ou freguesias da cidade do Porto. A resposta a esta questão surge na obra *Livrarias e Livreros Portuenses do Porto*, obra de Carlos Porto, citada anteriormente, que recorre à geografia da cidade para criar um roteiro de livrarias de referência do Porto. As livrarias e alfarrábios da cidade anunciados estão espalhados por grande número das freguesias do Porto. Esta dispersão obvia a resposta à questão inicial.

O desenho vetorial foi primordial na construção do mapa e do seu padrão pela possibilidade de o projetar e redimensionar. A construção do padrão recorre à vectorização de um mapa adquirido no arquivo municipal, através de um programa de desenho técnico utilizado em arquitetura.

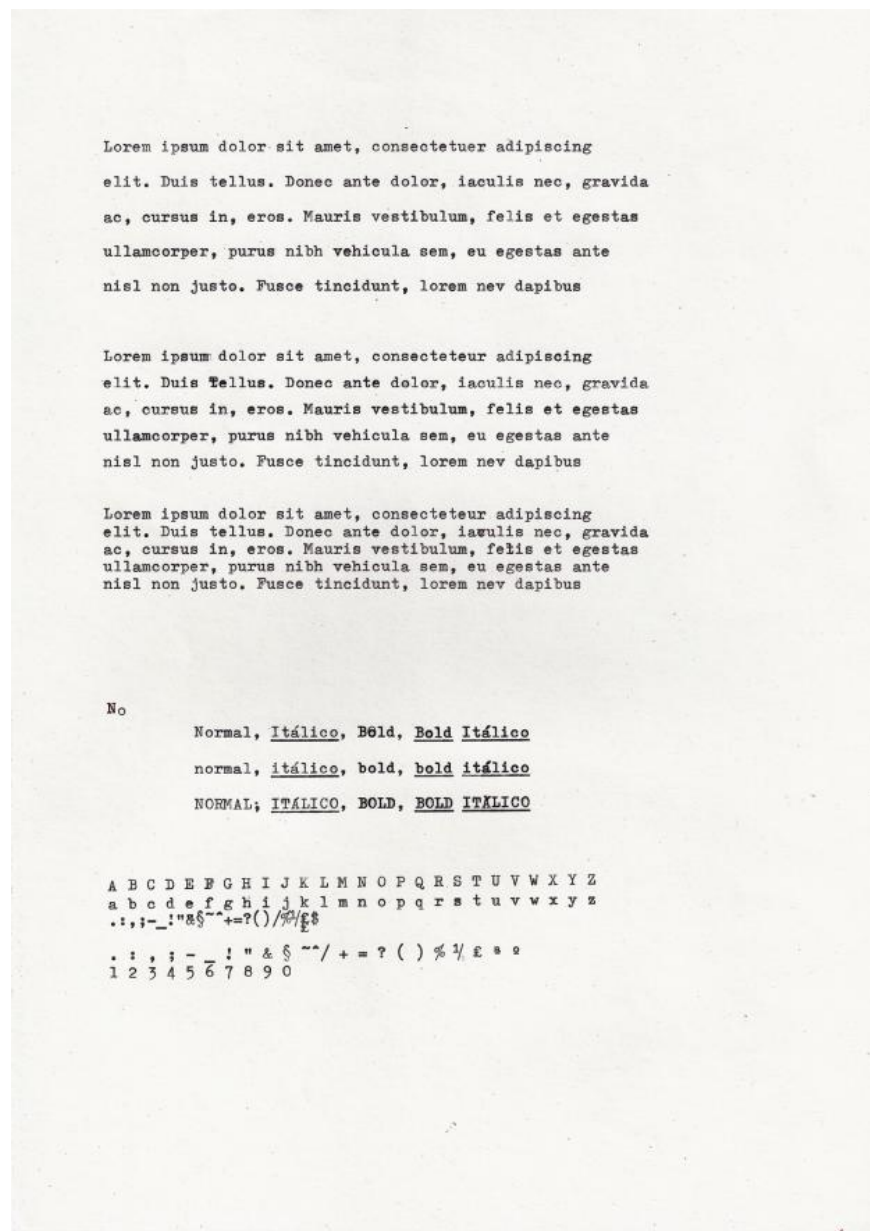
Inicialmente, as freguesias são diferenciadas através da variação do uso de linha. Diferentes pesos, tracejados e formas de composição foram experimentados e abandonados por poderem induzir no leitor uma ideia de hierarquia. A dificuldade de conseguir identificar as linhas correspondentes ao sistema viário do Porto, depois

de impresso com a técnica artística alternativa, motivou novas experimentações procurando uma maior clareza do traço impresso. Começou aqui o processo de simplificação do padrão, procurando uma representação limpa e clara, que garantisse a uniformização da mancha do mapa enquanto elemento único.

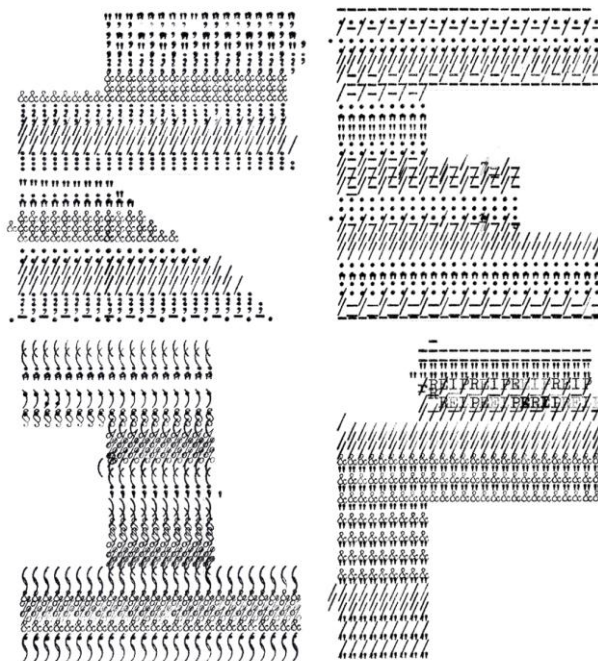
Para o conseguir, diferenciou-se a freguesia recorrendo a uma inclinação/declinação subtil do ângulo da linha, criando um padrão com o uso de repetição de linhas retas. Trabalhada para se tornar uniforme, a mancha permite evidenciar as limitações das diferentes freguesias pelo choque entre linhas de diferentes inclinações.

O mapa assume uma estética contemporânea e o padrão confere-lhe um ritmo/pausa espacial, indiciando ao leitor/utilizador que algo vai acontecer, uma mutação que ele pode nem reparar, mas que existe. Sendo importante a divisão espacial por freguesias, essa mesma divisão é, no entanto, informação que não se sobrepõe aos conteúdos que se referenciam. Pretende-se que o utilizador se questione sobre a variação de ângulo utilizado e intuitivamente deduza o seu motivo.

#### 4.5)2 A tipografia



À semelhança da imagem, o texto é um elemento gráfico, e neste caso torna-se mesmo a própria imagem, com a intenção de dar expressão ao conteúdo. A fonte tipográfica utilizada na redação dos textos do Projecto Parale//o provém exclusivamente de uma máquina de escrever modelo *Contessa*. A escrita com recurso a uma máquina de datilografia acarreta toda uma simbologia no contexto da publicação, com uma forte carga imagética associada: o autor, sozinho, a exteriorizar o pensamento num processo maquinal, sonoro.



O processo da escrita produz um significado, tanto a nível intelectual como a nível emocional, exprimindo o conteúdo e enriquecendo-o, criando uma identidade visual particular. Cria uma escrita simbólica, uma escrita que recorre a sinais de pontuação e caracteres para criar símbolos, ícones e ou padrões complexos. Um revivalismo que assume uma forma de comunicação contemporânea evocando um método maquinal do passado.

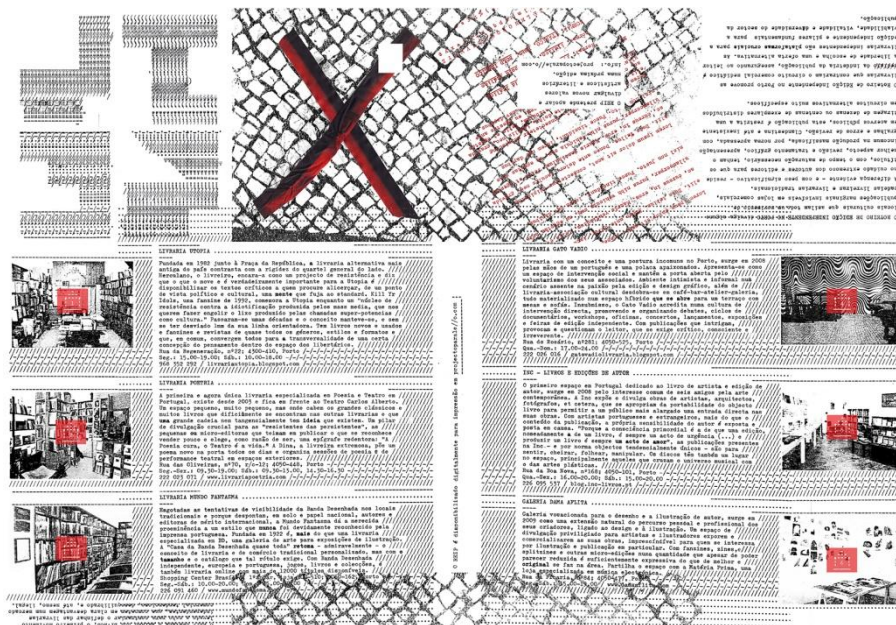
Criar uma paginação capaz de hierarquizar os diferentes conteúdos que se pretendem divulgar junto do leitor, obriga ao estudo prévio das diferentes possibilidades e limitações provenientes da máquina de escrever. O espaçamento, entrelinha e tabulações, a largura de coluna e a legibilidade do texto após redução, são alguns dos ensaios que permitiram simular digitalmente a disposição real do conteúdo divulgado na maquete, e redigi-los, posteriormente, com escrita datilográfica.

A redução das palavras a caracteres, para caberem nos limites espaciais das áreas, o evitar viúvas, órfãos ou dentes de cavalo, foram preocupações tidas em conta na sua execução.





## 4.6) O Roteiro de Edição Independente no Porto

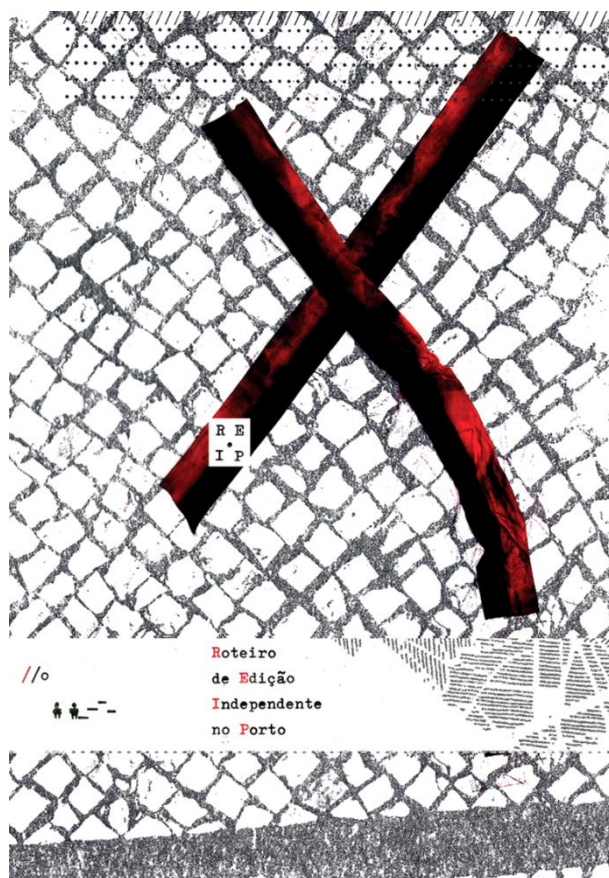


A linguagem gráfica caracteriza-se pela expressividade da escrita e manufatura. Sustentando-se num texto e em todo o seu *acto* de produção e explorando um método de impressão alternativa resulta de um processo moroso que se expõe graficamente.

Motivado pela necessidade de consciencializar o público para a importância da livraria independente na manutenção de uma oferta alternativa ao *mainstream*, esta publicação vai ser divulgada através dos diferentes locais que a comercializam. O objetivo de consciencializar o público vai ser assegurado por um texto curto, conciso e direto, que expõe as conclusões resultantes do estudo inicial e evidencia a importância de um elo do circuito do livro recorrentemente negligenciado.

O REIP surge após um longo período de reflexão e experimentação. Os conteúdos escritos foram alterados e reestruturados para criar diferentes possibilidades de organização. O xileno foi testado até se atingir um domínio que permitisse a uniformidade da mancha. Este método está presente na impressão do mapa, da imagem da capa e nas fotografias que apresentam visualmente os espaços que integram o projeto.

#### 4.6)1 A Capa e o Logótipo



A construção da capa do REIP motivou o elemento identificador, solução que resulta do impacto que teria quando aplicado no desdobrável. O arranjo tipográfico foi cuidadosamente estudado, particularmente o alinhamento do título da plaquette, título que flui e vai ao encontro do pormenor da ilustração do mapa visível. É a força da capa e dos seus elementos conjugada com a simplicidade da ilustração contida no interior que faz com que esta ideia resulte. As diferentes técnicas de produção usadas são expostas, uma forma de as mostrar em todo o seu esplendor.

Procurou-se que a imagem da capa fosse tão evocativa quanto possível e reveladora do processo produtivo, relacionando-a com o design do interior e conferindo-lhe uma integridade.

Queríamos que a capa tivesse uma tatilidade e que pudesse ser associado ao processo físico da construção do REIP. Optar por aplicar diretamente fita da máquina de escrever utilizada na redação dos textos, aplicada numa imagem de calçada impressa com recurso a xileno, ajudou a criar uma camada de textura,

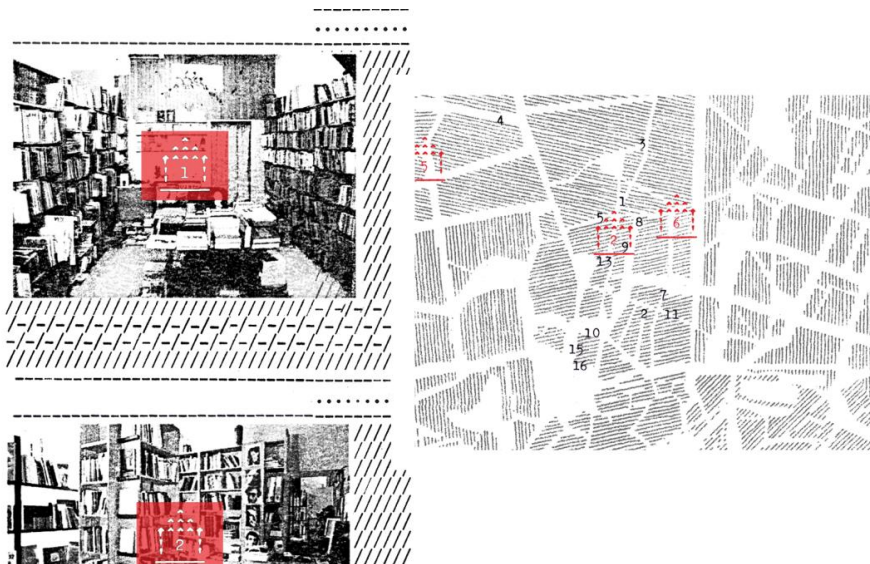


conferindo-lhe tatilidade. A escolha de um papel branco reciclado evoca e reforça a ligação com a impressão tradicional.

Adotou-se uma paleta de cores limitada, o preto e o vermelho, que é a segunda cor da impressão tradicional e a cor permitida pela máquina de escrever, criando uma característica unificadora do projeto de comunicação.

Foi posta a possibilidade de redigir o logótipo com a máquina de escrever diretamente na capa e a impressão ser feita com recurso ao xileno. Contudo, o tempo necessário para a redação do logótipo e o impacto ambiental do reagente químico tornam essa produção irrealista e poluente, se futuramente implementada. Mantém-se, no entanto, um pormenor manufaturado com o uso de um carimbo que prensa o logótipo do REIP no espaço a ele reservado, com os caracteres a assumirem a sua dimensão real.

#### 4.6)2 A apresentação gráfica dos espaços



A localização dos espaços vai ser indicada através da digitação de símbolos criados à máquina de escrever no REIP e por uso da cor feitos com filtros digitais na RLIP.

Os espaços principais são destacados, identificados e localizados no bloco de texto principal e no mapa, e os restantes locais e conteúdos referenciados com um menor destaque.

Inicialmente pretendia-se identificar os espaços diretamente na maquete original, processo abandonado pela dificuldade de execução. A dimensão da folha de papel obriga a várias dobras para ser inserida na máquina de escrever, dobras que impossibilitam o pleno controlo da paginação e que provocam o desvio da folha. Criar uma maquete real, autêntica, sem cometer erros de construção icónica ou de localização, apresenta-se impossível e até mesmo limitativa, por obrigar a assumir um resultado como o final, não permitindo a sua posterior alteração.

Por serem muito distintos os espaços vão ser representados visualmente para apresentar o seu interior. Procura-se que o leitor identifique intuitivamente o conceito do espaço e publicação respetiva. A imagem fotográfica, adquirida através de plataformas digitais, é trabalhada e impressa com recurso ao reagente xileno.

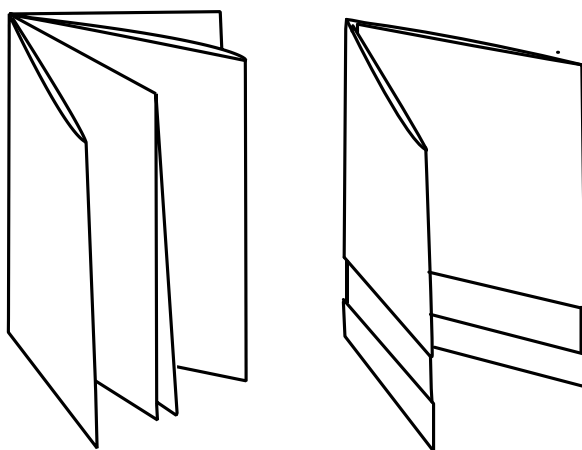
Inicialmente representaram-se os diferentes espaços recorrendo à ilustração de uma fotografia em mesa de luz. Os espaços eram apresentados e diferenciados de acordo com o peso da caneta utilizada. O resultado gráfico deste método poderia ser confundido com o género Banda Desenhada, pelo ênfase à ilustração.



Experimentou-se decalcar a localização fornecida pelo Mip Web e apesar de ser uma solução eficaz para a localização correta dos locais espacialmente, a uniformidade das representações não permitia a representação do ambiente e conceito do espaço em questão.

#### 4.6)3 Formato da folha, dobras e acabamentos

O *Roteiro de Edição Independente do Porto* foi impresso na dimensão de 48.3x32,9 cm. Esta medida é permitida pela área de impressão de uma impressora OFFICEJET 7500A WIDE FORMAT<sup>54</sup>, uma multifunções que garante uma área útil de impressão superior à maior parte das reprografias, limitadas pelo formato A3 SRA. Esta solução permite deter o domínio de toda a produção do REIP, numa atitude coerente com a *fanzine*, publicação amadora que recorre muitas vezes a métodos de impressão tecnológicos caseiros. A impressora utilizada garante um aspeto relativamente profissional, apesar de apresentar lacunas de legibilidade, nomeadamente ao não tornar totalmente explícita a frase que surge da apresentação dos diferentes espaços.



Inicialmente a plaquette informativa foi idealizada para ser dobrada em quatro partes verticais e duas horizontais, recorrendo a um corte transversal para criar um livrete autocontido. O livro como ponto de partida para a paginação e design editorial motiva esta ideia inicial, que permitia com o corte transversal criar um panfleto com 8 páginas, posteriormente numeradas, trabalhando a capa, a contracapa e as guardas como se de um livro se tratasse. Este corte, além de permitir uma paginação autocontida, facilitaria o processo de dobragem após utilização, deduzido pela numeração. O mapa ilustrado estaria no seu interior, invisível.

---

54. A impressora em questão permite a impressão a cores profissionais a um custo reduzido, comparativamente com as *all in one* a jato de tinta de grande formato, da mesma classe.

Criar uma capa que revelasse parcialmente «o outro lado» pareceu conceptualmente forte e estimulante para o leitor por apresentar o projeto na sua totalidade. As dobragens do Roteiro de Edição Independente surgem desta conceção e da necessidade de ampliar a área delimitada para o *bloco* de texto principal. Querer evidenciar o processo de produção do texto junto do leitor, transmitindo o ruído característico da mancha textual da escrita datilográfica, motiva as dobras do REIP, e a posterior organização dos conteúdos e construção gráfica.

#### 4.6)4 Os Métodos de (Re)produção

A reprodução da plaquette informativa recorre a métodos de impressão tecnológicos, procurando alcançar o caráter de objeto único com recurso ao uso de um carimbo, presente na capa do REIP. O método produtivo vai ser descrito no interior da plaquette informativa procurando evidenciar a maturação e experimentação necessárias à sua produção.

A reprodução do REIP, estando relativamente garantida pela impressora referida anteriormente<sup>55</sup>, poderá ser efetuada por reprografias e gráficas externas se orçamentarem um custo mais baixo. Tal como no caso de estudo MAP, procuraremos encontrar uma reprografia ou gráfica que tenha interesse em patrocinar o projeto, divulgando os seus serviços junto de um público-alvo específico.

A dimensão permitida pela impressão em reprografia, otimizada para aproveitar a maior parte da folha *standard* de impressão, imprime a uma escala inferior à idealizada. Será, portanto, necessário, caso o REIP seja impresso em reprografia, o reajuste da sua dimensão para ser aplicado na medida permitida por reprografias. Esta reprodução não traz consequências à plena leitura do seu conteúdo. Relembramos que o conteúdo se refere não só ao texto e informação, mas às próprias formas visuais resultantes e características do processo produtivo, essenciais para transmitirem o conceito comunicativo.

Reproduzido em formato impresso, o roteiro será disponibilizado para *download* gratuito na plataforma digital.

---

<sup>55</sup> Não contabilizámos os custos de produção caseira, e não sabemos até que ponto será possível o domínio do sistema de impressão tecnológico.

O REIP divulga espaços que alojam publicação impressa, palpável, com óbvios cuidados na sua materialização. Este cuidado é visível, por exemplo, na escolha do papel destas publicações, cuidado igualmente tido na materialização do REIP. Disponibilizado na plataforma digital, a alienação do controlo da (re)produção do REIP obriga a uma série de preocupações. Por passar a ser impresso pelo leitor/utilizador em sua casa, obriga a indicar as especificidades do objeto na plataforma virtual. Uma ficha técnica vai ser disponibilizada para permitir ao leitor uma impressão fidedigna à projetada. O tipo e a gramagem do papel utilizado e as dobras e acabamentos vão ser indicados, sendo que estes dois últimos são intuitivamente apreendidos pelas guias incorporadas no ficheiro digital disponibilizado na *Residência do Livro Independente no Porto*. Esta distribuição digital assume os mecanismos de distribuição e produção da publicação contemporânea, garantindo as vantagens inerentes ao método de impressão *Print On Demand*.

#### 4.7) Residência do Livro Independente no Porto



Apesar de uma certa renitência inicial quanto à conceção de uma plataforma web no projeto/dissertação, a possibilidade do *Projecto Parale//o* poder atingir um maior número de leitores e de poder ser um distribuidor virtual da plaquette informativa REIP, assumem-se como vantagens indiscutíveis para um projeto de comunicação que procura, relembramos, criar mecanismos que contrariem o fenómeno de encerramento de livrarias independentes, uma problemática do setor da edição com repercussões diretas na oferta alternativa.

A *Residência do Livro Independente no Porto* é uma plataforma digital que pretende agregar, organizar, gerar e manter uma série de conteúdos e informações úteis para uma comunidade específica, constituída essencialmente por leitores com um interesse/sensibilidade para a publicação diferenciada, e dar a conhecer esse universo a um público que a desconheça.

A plataforma procura responder às necessidades do leitor-ideal, permitindo uma pesquisa intuitiva e direcionada. O *site* adota um layout simplista. Com um aspeto limpo e um forte cuidado gráfico, o *site* vai integrar conteúdos criados ao longo do processo de produção do *Projecto Parale//o*.)

Um ícone mantém-se em todas as páginas da plataforma, imóvel, sem qualquer mutação e permite ao utilizador retroceder à *homepage*. Este ícone assume-se como o elemento unificador entre os diferentes meios criados pelo Projeto Parale//o, ícone incorporado também no formato impresso.

Existe apenas uma barra menu, na RLIP, que contém as seguintes divisões:

- RLIP
- subscrever
- REIP
- apontamentos



A página inicial permite a visualização dos diferentes conteúdos agregados na plataforma digital e a navegação virtual do utilizador pelo universo da publicação independente.

Esta navegação pode dar uma visualização panorâmica da publicação alternativa do Porto. Locais culturais, artísticos e comerciais vão ser integrados e divulgados na plataforma digital, dando ao utilizador informações concretas sobre os locais que a divulgam e comercializam, e associações e serviços diretamente ligados à publicação.



apontamentos

OFICINA ARARA;  
estúdio de artes gráficas  
equipado para trabalhar  
com serigrafia.



apontamentos

LIVRARIA ESQUINA  
Especializada em livros raros e  
antigos, particularmente dos  
séculos XV, XVI e XVII.  
Com um criterioso fundo editorial  
sobre Arte, Genealogia e  
Regionalismo.  
livrariaesquina.com

Os diferentes espaços divulgados vão ser apresentados de uma forma distinta. Os espaços comerciais que permitem e apoiam a produção de livros impressos vão ser divulgados pelos serviços e/ou apoio que prestam, os locais que comercializam e dão visibilidade a publicação alternativa vão ser apresentados pelos títulos que divulgam.

//o

RLIP / subcrever / RLIP

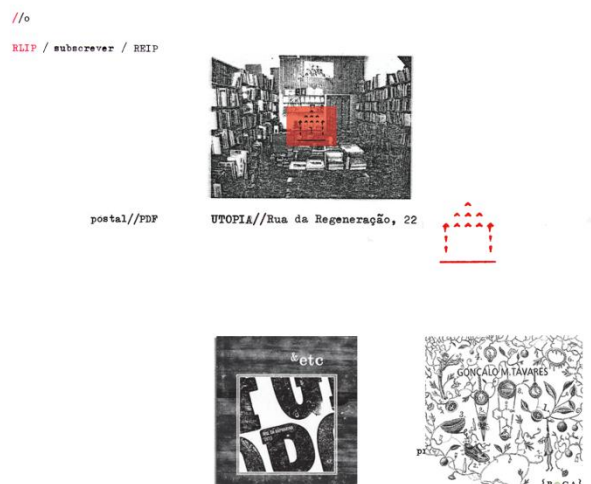


apontamentos

projectoparale//o

As publicações serão o ponto de partida para a dinâmica de interação que se pretende criar na RLIP, mantendo uma logica de proximidade entre os diferentes protagonistas do circuito alternativo da publicação.





postal//PDF

UTOPIA//Rua da Regeneração, 22



O utilizador pode focalizar a sua navegação numa comunidade específica do circuito alternativo da publicação, podendo navegar pelo interior dos espaços que a comercializam..Os espaços que alojam determinado tipo, género ou tipologia de publicação, poderão ser comparados pelo leitor e os representantes vão ser pontualmente convidados a analisar e a aconselhar o leitor sobre o que circula no mercado, gerando conteúdos capazes de garantir a permanente atualização da plataforma digital.

postal//PDF

A plataforma virtual vai permitir a impressão, levada a cabo pelo utilizador, de materiais gráficos de divulgação e promoção do *Projecto Paralelo*. Materiais de divulgação dos espaços ancorados serão disponibilizados em formato digital,

podendo ser impressos pelo utilizador. O utilizador interessado poderá imprimir as indicações sobre um espaço ou serviço, uma espécie de cartão ou postal de apresentação. Os representantes dos espaços integrados poderão imprimir esse suporte de divulgação para ser distribuído junto do público. Pretende-se, desta forma, divulgar e promover o projeto de comunicação, disponibilizando os conteúdos tratados com o grafismo coerente com a identidade do *Projecto Parale//o*.

### **subscriver**

O menu *subscriver* contém os diferentes passos exigidos a quem pretenda integrar a RLIP, indicando os critérios a que os subscritores terão que corresponder para serem ancorados.

Diferentes inquéritos vão ser disponibilizados a quem pretenda integrar a plataforma digital, respondendo ao que mais se adequa com o seu caso.

A um espaço que comercialize publicação independente será exigido um levantamento bibliográfico para catalogar o tipo de publicação divulgada. A uma associação que apoie a publicação ou um espaço que permita a materialização, por exemplo, as questões serão direcionadas para perceber os seus desígnios e propósitos.

### **REIP**

O material criado ao longo do *Projecto Parale//o* é disponibilizado a todos aqueles que pretendam criar um roteiro de acordo com as suas necessidades. Diferentes opções temáticas serão disponibilizadas junto do público, divididas quanto ao género, estilo ou tipologia de edição, e informações úteis para quem se interesse ou pretenda integrar o universo da publicação. A informação poderá ser impressa pelo utilizador, desde que assuma o papel de compositor, impressor, e editor de conteúdos.



Exemplo gráfico de um dos mapas disponibilizados na plataforma digital

Num processo simples, o utilizador selecciona um dos mapas disponibilizados e imprime-o numa folha, numa primeira fase. Nessa mesma folha o utilizador vai sobrepondo informação, reimprimindo os diferentes *layers* de informação seleccionados.



projectoparale//o

A *Residência do Livro Independente no Porto* estaria alojada em [projectoparale//o.org](http://projectoparale//o.org), uma plataforma com uma barra menu com as seguintes divisões:

- sobre
- acto
- RLIP
- REIP

## Sobre

O menu *Sobre* contém uma breve introdução ao *Projecto Parale//o* e explica sucintamente o que envolve o projeto de comunicação. Expõe o que comunica e porque o comunica, os objetivos a que se propõe e a quem se dirige.

A possibilidade de incluir progressivamente conteúdos faz com que a plataforma se mantenha em permanente construção, uma evolução *in progress* que permite aprofundar determinados assuntos ou integrar novos conteúdos.

//o

sobre / acto / RLIP / REIP

O Projecto Paralelo//o é um espaço discursivo e relacional, em permanente construção, que pretende criar e manter uma rede de conteúdos através da produção colaborativa. Abarca todas as actividades do circuito do livro e materializa-se em:

1. plataforma aberta de projetos e micro-projetos que suscitam a reflexão no contexto da publicação.

2. residência de ancoragem das alternativas e tangentes aos circuitos comerciais da publicação no Porto.

3. roteiro recombinável do circuito da publicação independente no Porto que pressupõe a auto-construção e lapidação pelo utilizador.

por outras palavras



projectoparalelo//o

*Por outras palavras*, a opção de apresentar progressivamente as informações, permite que o utilizador adquira a quantidade de informação que lhe interessar sobre um determinado tópico assim como a construção progressiva da plataforma virtual ao longo do tempo.

+

//o

sobre / acto / RLIP / REIP

Conteúdo em construção.

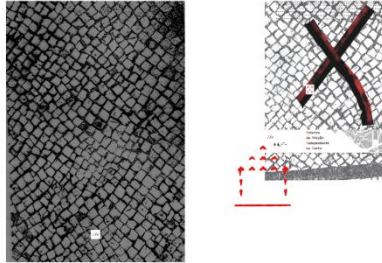


«

projectoparalelo//o

## acto

//o  
sobre / acto / RLIP / REIP



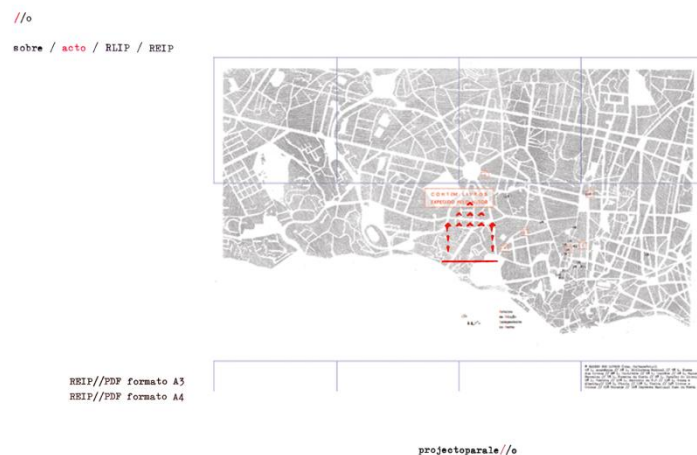
projectoparale//o

O submenu *acto* disponibiliza a plaquette informativa REIP *digitalmente*, e apresenta a compilação visual da experimentação gráfica levada a cabo na sua produção.

//o  
sobre / acto / RLIP / REIP



projectoparale//o



A plaquette informativa é disponibilizada para impressão em formato A4 e A3, os formatos *standard* mais acessíveis ao consumidor, -exigindo a montagem das folhas pelo próprio.

## 5) Considerações finais e desenvolvimentos futuros

A ideia do *Projecto Parale//o* partiu do desejo de conhecer, reconhecer e divulgar a publicação independente diferenciada, invisível em circuitos comerciais. Este desejo encontra no estudo do fenómeno de encerramento de Livrarias Independentes, um elo da cadeia do livro que tem vindo a ser progressivamente desconsiderado e menosprezado, uma oportunidade. Descobre-se e experiencia-se esta publicação de um modo simples, deambulante e estimulante de uma perspetiva artístico-cultural, e estuda-se um tema pertinente e diretamente ligado com ela, uma problemática que compromete a visibilidade da publicação independente junto do leitor e portanto a diversidade da oferta alternativa.

Todo este processo nos colocou na presença do livro e do outro, o que nos apresenta o livro, que o divulga, que o sabe. Este contacto leva-nos a afirmar que existe um lado cultural que resiste ao circuito comercial e se mantém paralelo às lógicas e exigências comerciais e de um setor industrializado com um circuito altamente competitivo.

Desde o início procura-se evidenciar o papel da livraria independente na visibilidade e, consequentemente, viabilidade da publicação alternativa. A inexistência de um roteiro de livrarias independentes na cidade do Porto, uma cidade com uma cultura livreira histórica, o facto de não haver uma plataforma digital que crie sinergias entre os diferentes espaços do circuito independente, demonstram a apatia de um setor cultural e evidencia o atraso do país comparativamente à tendência global.

Uma vez que não foi possível passar à implementação propriamente dita do *Projecto Parale//o*, mantém-se a dúvida da sua viabilidade futura. Contudo, ao longo do processo o *Projecto Parale//o* conseguiu, pela própria *performatividade* de percurso, suscitar o interesse no seu meio. Foi recebido, comentado e reconhecido por diversas gentes e agentes do setor da publicação. Não havendo sinais que a presente conjuntura do mercado livreiro sofra alterações nos próximos tempos, acreditamos na possibilidade do Projeto Parale//o se sustentar- e tornar- viável pelo seu conceito. Assume uma linguagem própria, uma identidade coerente com os conteúdos que se propõe divulgar, criando um discurso perceptível no seu próprio contexto.

Foram criadas estratégias, os mecanismos necessários para se gerar e manter uma rede conteúdos em permanente construção. Utilizando os materiais desenvolvidos ao longo do processo é possível torná-lo economicamente sustentado.



O material pode ser aplicado em novos suportes e adquirir um carácter informativo, expositivo ou até de “memória”. Podemos tomar partido da linguagem estética aplicando-a em suportes comerciais.

Expor, intervir, fazer ruído., criar um movimento ou passar uma mensagem, assume-se como o objetivo de um projeto de comunicação interventivo que precisa, por isso e para isso, de existir.

Na proposta impressa do REIP existe uma área em branco, um vazio propositado na página de apresentação da plaquette informativa. Esse espaço poderá incluir uma reprografia, gráfica ou oficina de produção que apoie o projeto, reduzindo ou assumindo os custos de produção, e que encontre nele um suporte de divulgação. O formato surge da necessidade de manter uma relativa independência produtiva, permitida por uma impressora própria. Será necessário efetuar um redimensionamento consoante o formato permitido por um espaço que queira apoiar a implementação do *Projecto Parale//o*. Se no espaço deixado em branco for incluída uma oficina de serigrafia ou uma tipografia que faça composição em chumbo, o uso desses métodos de produção poderão exigir ou motivar uma nova reestruturação da plaquette informativa.

A possibilidade de impressão da plaquette informativa através do recurso a uma impressora caseira permite deter uma certa independência duma gráfica ou oficina de impressão. Pontualmente, poderá ser levada a cabo uma impressão para ser distribuída por espaços de interação artística e cultural existentes na cidade. A plaquette informativa pode ser deixada na Faculdade de Letras ou na Faculdade de Belas Artes do Porto, em teatros e *hostels*, ou até em transportes públicos ou jardins. O projeto dirige-se a um público-específico, mas procura atingir qualquer leitor, e esse leitor está disperso e presente em qualquer lado.

Os espaços comerciais que serão integrados vão patrocinar e suportar alguns dos custos de manutenção, espaços que encontram na plataforma digital um meio de publicidade direcionada ao seu público-alvo, potenciais clientes.

## 6) Dificuldades

As maiores dificuldades durante a execução deste projeto estão relacionadas com a fase de estudo e materialização do *Projecto Paralel/o*. O fecho de espaços selecionados como objeto de estudo numa fase inicial motivou um aprofundar ao estudo das causas reais do fenómeno de encerramento de livrarias independentes em Portugal. Perceber as reais causas, constantemente omitidas, exigiu um estudo intensivo e moroso, no terreno. Um tema pouco estudado que poderia ter sido descoberto com maior facilidade no *Encontro Livreiro*, um encontro anual em Setúbal que juntava inúmeros livreiros e interessados na Livraria Culsete, um evento organizado pelo póstumo *Livreiro Velho* Manuel Medeiros. Procurou-se ir a esse encontro, dividir os custos de deslocação com alguns livreiros de Vila Real, mas por motivos logísticos presenciar o encontro não foi possível. Numa abordagem direta, as questões e dúvidas foram colocadas diretamente a livreiros independentes. Assunto incómodo e nitidamente desconfortável, obrigou a um cuidado na abordagem. As questões foram muitas vezes respondidas pelos livreiros com um discurso pouco revelador, que permitia várias interpretações para quem não está totalmente por dentro do assunto.

O querer deter o domínio de todas as fases de produção e materialização do projeto de comunicação, levou a um longo processo de experimentação, onde o resultado surge, muitas vezes, da tentativa/erro. Querer criar inicialmente uma plaquette informativa numa única maquete, um original em grande escala que seria digitalizado e redimensionado para impressão, fez-nos despendar muito tempo na tentativa de concretização, até ser assumida a impossibilidade de concretizar tal maquete.

Produzir o projeto comunicativo manualmente e em grande escala, para garantir uma vertente expositiva, dificultou a sua documentação e digitalização, necessárias para o tratamento e manipulação digital levado a cabo.



## 7) Bibliografia

- AMARAL, Nuno – Livraria Portugal encerra ao fim de mais de 70 anos. TSF online, 29 fev. de 2012
- ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE EDITORES E LIVREIROS DE PORTUGAL – Estatística ISBN. [Consult. 7 jan. de 2011]. Disponível em WWW: <`URL:<http://www.apel.pt/pageview.aspx?pageid=206&langid=1>>
- BÁRTOLO, José – Edição Independente, notas para um enquadramento. [Consult. 7 maio de 2012]. Disponível em WWW:<`URL:<http://reactor-reactor.blogspot.pt/2010/11/edicao-independente-notas-para-um.html>>
- BATALHA, Noémia [et al] – Manifesto contra o desastroso encerramento das livrarias da Cidade de Lisboa no centenário da Livraria Sá da Costa. Lisboa: Letra Livre, 2013.
- BULHOSA, Jaime – O presente e o futuro das livrarias. [Consult. 15 nov. de 2011]. Disponível em WWW:<`URL:<http://encontrolivreiro.blogspot.pt/2011/10/o-presente-e-o-futuro-das-livrarias.html>>
- CASTANHEIRA, Isabel – Desabafo. Congresso Livro – Açores – Ilha Terceira. [Consult. 15 nov. de 2011]. Disponível em WWW:<`URL:<http://cavacosdascaldas.blogspot.pt/2011/11/congresso-livro-aco-eres-ilha-terceira.html>>
- DACOSTA, Luísa; Pavão, Luís – Livrarias espaço de liberdade, lugares de encontros. "Máxima", n.º 27 (1990), p. 128-134
- EARP, Fábio Sá, KORNIS, George - A economia da cadeia produtiva do livro. Rio de Janeiro, 2005.
- FARRAJOTA, Marcos – Relatório sobre Fanzines e Edição. [Consult. 5 jan. de 2013]. Disponível em WWW:<`URL:<http://chilicomcarne.blogspot.pt/2012/01/relatorio-sobre-fanzines-e-edicao.html>>
- FURTADO, José Afonso – Os Livros e as Leituras - Novas Ecologias da Informação. Lisboa: Livros e Leituras, 2000.
- GATES, Bill – Rumo ao Futuro. Alfragide : McGraw-Hill de Portugal, D.L. 1995.
- GUEDES, Fernando – Necessidades e Urgências de uma Lei do Preço Fixo. O Livro como Tema – história, cultura, indústria. Edições Verbo, 2001.
- GUERREIRO, António – Círculo Vicioso. ATUAL/Expresso. Lisboa. 28 jan. de 2012, p. 28-29.
- MARTINS, Jorge Manuel – Profissões do Livro. Editorial Verbo, 2005.
- MEDEIROS, Manuel – Chapéu e Bengala. [Consult. maio de 2012]. Disponível em WWW:<`URL:<http://chapeuebengala.blogspot.pt/2012/03/obsessao-das-livrarias-e-dificil-arte.html>>
- PINHO, Nuno – O ponto e o contraponto – concentração vertical no mundo editorial. B.mag#3, Booktailors Publishing Magazine. Fev. 2011, p. 28-30. Disponível em WWW:<`URL:[http://www.booktailors.com/files/bmag\\_03.pdf](http://www.booktailors.com/files/bmag_03.pdf)>
- PORTO, Carlos – Livrarias e Livreiros Portuenses. Porto: Livraria Leitura, 1994.
- SAMUEL, Paulo – Alfarrabistas do Porto. O Tripeiro, n.º 1 (1993), p.19-22.
- SOUSA, Eduarda - As livrarias que não caçam com cão, caçam com gato. (Consult. abril de 2012). Disponível WWW:<`URL:<http://www.publico.pt/temas/jornal/as-livrarias-que-nao-cacam-com-ca-cao-cacam-com-gato-19092774>>
- VALE, Francisco – Autores, Editores e Leitores. Relógio D'Água, 2009.
- VASCONCELOS, José Carlos de –A difícil arte da Independência. Jornal das Letras. Lisboa. 7 a 20 de Março. 2012, p.3.
- VEGAR, José – Falha Maior. ATUAL/Expresso, n.º2076. Lisboa. 11 Ago. 2012, p. 34-35.
- VENTURA, Resendes – Papel a Mais. Lisboa: Esfera do Caos, 2009.

- XAVIER, Hugo – Da distribuição nos tempos de concentração – considerações. B.mag#3, Booktailors Publishing Magazine, Fev. 2011, p. 34-35. Disponível em WWW:<`URL:[http://www.booktailors.com/files/bmag\\_03.pdf](http://www.booktailors.com/files/bmag_03.pdf)>



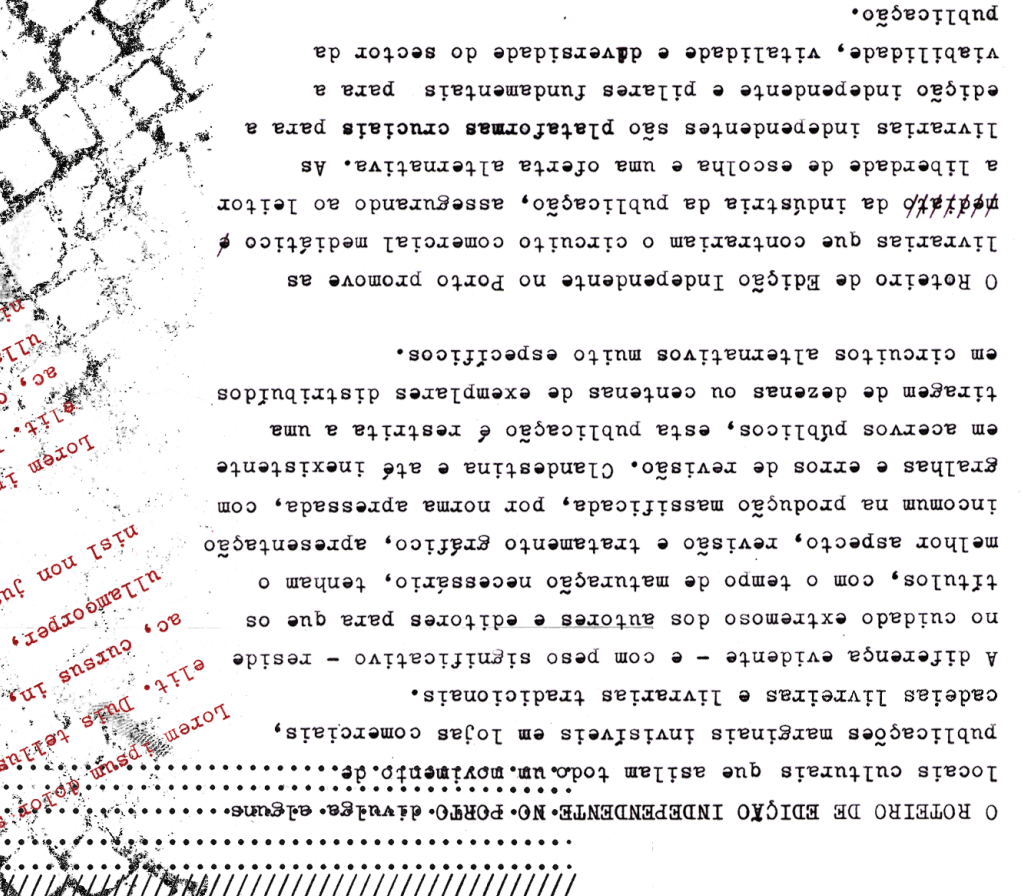


Roteiro  
de Edição  
Independente  
no Porto

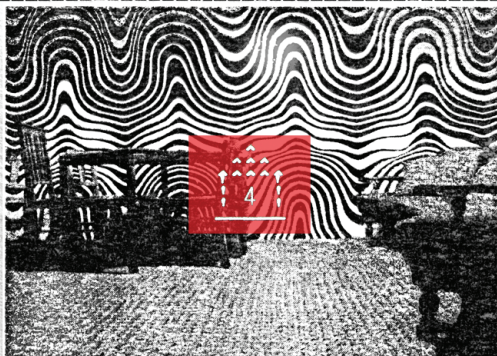
O mapa foi ilustrado a 800mm por 545mm e impresso a 610mm por 415mm com recurso ao reagente xileno.  
O acto foi directamente redigido numa folha a 354mm por 482mm, com uma máquina de datilografia Contessa.  
A cor surge da digitalização de folhas transparentes aplicadas directamente.  
Foi utilizada uma impressora HP OFFICEJET 7500A WIDE FORMAT e uma EPSON STYLUS SX, três computadores com Photoshop, Illustrator e AutoCad.

1º BAIRRO DOS LIVROS (org. CulturePrint)  
1ª L. Académica 2ª L. Biblioteca Musical 3ª L. Homem  
dos Livros 4ª L. In-Libris 5ª L. Lumière 6ª L. Manuel  
Ferreira 7ª L. Moreira da Costa 8ª L. Paraíso do Livro;  
9ª L. Poetria 10ª L. Retórica da U.P 11ª L. Sousa e  
Almeida; 12ª L. Utopia 13ª L. Vieira 14ª Livros e  
Coisas 15ª Unicepe 16ª Imprensa Nacional Casa da Moeda





## LIVRARIA GATO VADIO



Livraria com um conceito e uma postura incomuns no Porto, surge em 2008 pelas mãos de um português e uma polaca apaixonados. Apresenta-se como um espaço de intervenção social e mantém a porta aberta pelo voluntariado dos seus associados. Ambiente intimista e informal num cenário assente na paixão pela edição e design gráfico, além de livreria-associação cultural desdobra-se em café-bar-atelier-galeria, tudo materializado num espaço híbrido **que se abre** para um terraço com mesas e sofás. Insubmisso, o Gato Vadio acredita numa cultura de intervenção directa, promovendo e organizando debates, ciclos de documentários, workshops, oficinas, concertos, lançamentos, exposições e feiras de edição independente. Com publicações que intrigam, provocam e questionam o leitor, que se exige crítico, consciente e irreverente.

Rua do Rosário, nº281; 4050-525, Porto  
Qua.-Dom.: 17.00-24.00  
222 026 016 / [gatovadiolivraria.blogspot.com](http://gatovadiolivraria.blogspot.com)

INC - LIVROS E EDIÇÕES DE AUTOR



O primeiro espaço em Portugal dedicado ao livro de artista e edição de autor, surge em 2008 pelo interesse comum de seis amigos pela arte contemporânea. A Inc expõe e divulga obras de artistas, arquitectos, fotógrafos, et cetera, que se apropriam da portabilidade do objecto livre para permitir a um público mais alargado uma entrada directa nas suas obras. Com artistas portugueses e estrangeiros, mais do que o conteúdo da publicação, a própria sensibilidade do autor é exposta e posta em causa. "Porque a consciência primordial é a de que uma edição, nomeadamente a de um livro, é sempre um acto de urgência (...) e produzir um livro é sempre um acto de amor", as publicações presentes na Inc - e por norma objects tendencialmente únicos - são para sentir, cheirar, folhear, manipular. Os discos têm também um lugar no espaço, principalmente aqueles que cruzam o universo musical com o das artes plásticas.

Rua da Boa Nova, nº168; 4050-101, Porto  
Qua.-Sex.: 16.00-20.00; Sáb.: 15.00-20.00

226 095 537 / blog.inc-livros.pt

## GALERIA DAMA AFLITA



Galeria vocacionada para o desenho e a ilustração de autor, surge em 2009 como uma extensão natural do percurso pessoal e profissional dos seus criadores, ligado ao design e à ilustração. Um espaço de divulgação privilegiado para artistas e ilustradores exporem e comercializarem as suas obras, imprescindível para quem se interessa por ilustração e publicação em particular. Com fanzines, zines, splitazines e outras micro-edições numa quantidade que apesar de poder parecer reduzida é suficientemente expressiva do que de melhor e original se faz na área. Partilha o espaço com a Matéria Prima, uma loja especializada em música electrónica.

Rua da Fricaria, nº84; 4050-477, Porto - /-/-/  
Seg.-Sáb.: 15.00-19.00 // [www.gamaafiliados.com](#)

O REIP é disponibilizado digitalmente para impressão em [projectoparalelo.com](http://projectoparalelo.com)